



R E V I S T A
D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”

MISSÕES E
EVANGELISMO

E X P E D I E N T E

EDITORES Adriano Gama
Elienai B. Batista

ASSISTENTE Déborah Diná Oliveira Silva
EDITORIAL

REVISÃO Ester Conceição dos Santos
Arielle de Eça

TRADUÇÃO Morgana Mendonça dos Santos

PROJETO Thiago de Azevedo Nunes
GRÁFICO

DIAGRAMAÇÃO Thiago de Azevedo Nunes

WEBSITE Israel F. B. Batista

FALE contato@revistadiakonia.org
CONOSCO

A revista Diakonia é uma publicação mensal do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

O Instituto João Calvino está localizado na Rua José Veríssimo no. 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE. CEP: 54789-080.
joacalvino.org

S U M Á R I O

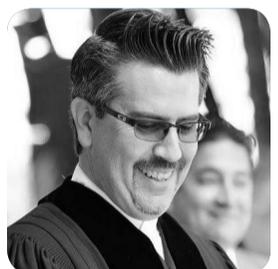
ELIENAI
BATISTA



EDITORIAL

04

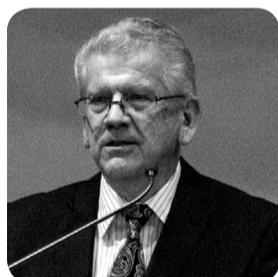
DANIEL
R. HYDE



SENDO
UM
PLANTADOR
DE IGREJA

06

JAMES
VISSCHER



ESTENDENDO
A MÃO

26

ARJAN
DE VISSER



A MISSÃO
DE DEUS

38

ARJAN
DE VISSER



A EVANGELIZAÇÃO
SEGUNDO AS
ESCRITURAS

48

EDITORIAL

Elienai Batista

Um dos objetivos que temos para a Revista Diakonia é fornecer recursos que preparem homens para se tornarem oficiais da igreja de Cristo. A igreja precisa de homens que estejam preparados para liderar o povo de Deus como representantes de Cristo, e uma liderança eficaz e piedosa requer treinamento.

E este treinamento requer recursos. Estamos entusiasmados com um número de mensagens que recebemos em resposta à publicação de nossas primeiras edições - especialmente quando ouvimos que várias igrejas estão usando a Revista Diakonia como parte do processo de treinamento de oficiais.

Mas, ao mesmo tempo, nosso foco não é apenas em homens que têm o desejo de se tornarem oficiais da igreja, e de prepará-los para liderar como servos de Cristo, imitando a liderança servir de Cristo. Não são apenas homens jovens, ou homens inexperientes, que se beneficiarão dos artigos nas páginas desta revista, e dos artigos que estão sendo publicados regularmente em nosso site. Também são os homens que atualmente servem à igreja - como pastores, presbíteros e diáconos.

A vida cristã deve ser caracterizada pelo crescimento, desenvolvimento e aprendizagem constante. Isto é verdade para todos os membros do corpo de Cristo, mas especialmente para seus oficiais. Nosso fundamento é a Palavra de Deus, que, como a revelação do Deus Criador, perfeitamente sábio e onisciente, é perfeita, de valor inestimável e uma fonte de sabedoria sem fim. O dia em que poderemos dizer “Agora compreendo tudo o que a Bíblia tem para ensinar,” nunca chegará a esta vida. Há sempre mais tesouros para encontrar, sempre mais sabedoria para buscar, sempre mais para aprender.

Talvez você tenha sido um presbítero, um diácono ou um pastor por muitos anos. Talvez a sua experiência tenha ajudado você a crescer em sabedoria e tenha lhe dado muitas ferramentas necessárias para ensinar os outros. Mas, como oficiais, nunca devemos pensar que sabemos tudo - que “chegamos” ao ponto em que não há mais nada que aprender. Uma das características que um oficial deve ter para realmente liderar como Cristo é a humildade - o entendimento de que sim, já cresci muito, mas ainda tenho um longo caminho a percorrer. Já aprendi muito, pela graça de Deus, mas ainda tenho muito mais a aprender.

É nossa oração que a Revista Diakonia ajude você, o oficial experiente, a fazer exatamente isso - aprender mais sobre como servir em um papel vital, como pastor do rebanho de Deus. Na edição que você agora tem em mãos (ou na tela do computador, ou no celular), você encontrará um par de artigos escritos por Dr. A. J. DeVisser, que trabalhou por muitos anos como missionário na África do Sul e atualmente é professor no Seminário das Igrejas Reformadas Canadenses. Em sua resenha do livro de Christopher Wright, *A Missão de Deus*, o Dr. DeVisser fornece uma introdução útil para uma crescente ênfase no pensamento “missional” na igreja - e um alerta sobre as fraquezas dessa influente teologia.

Em seu artigo “Evangelismo Segundo as Escrituras”, o Dr. DeVisser nos fornece uma introdução simples, mas completa, à questão da evangelização. Ele nos dá uma perspectiva histórica útil, aborda os entendimentos atuais e fornece sugestões sobre o curso de ação que as igrejas locais devem tomar neste trabalho essencial de evangelização.

Ambos os artigos ajudarão não só os futuros oficiais e novos oficiais, mas também os homens que já atuaram como oficiais por muitos anos. Podemos pensar que sabemos muitas das respostas. Mas sempre há novas questões surgindo, sempre há novos desafios a enfrentar, e há sempre novos contextos nos quais devemos aplicar a sabedoria da Palavra de Deus. Os dois artigos do Dr. DeVisser nesta edição nos ajudarão a fazer exatamente isso!

O mesmo vale para os artigos de Daniel Hyde e James Visscher, que também abordam temas semelhantes - a plantação de igrejas e o privilégio que todo o povo de Deus tem: em nosso chamado evangelístico pessoal. Oficiais, novos e experimentados, e de fato todos os membros da igreja, se beneficiarão com essas perspectivas. Você pode aprender algo novo. Você pode ter seu pensamento desafiado. Você pode ser levado a pensar em questões sobre as quais não pensou anteriormente. Mas você será levado de volta ao fundamento da Palavra de Deus.

Nossa oração é que Deus use esta edição da Revista Diakonia para ajudá-lo a crescer em seu próprio entendimento da missão da igreja, e que você usará esse conhecimento no serviço ao Senhor da igreja, para o bem do seu povo e a glória do seu nome! Que Deus use esta publicação para nos ajudar a dedicar à aprendizagem, crescendo constantemente na compreensão de Sua vontade. E que Ele nos ajude a aplicar o que aprendemos em nossas vidas e na vida de Sua congregação!

SENDO UM PLANTADOR DE IGREJA

Daniel R. Hyde

O que significa ser um plantador de igreja confessionalmente reformada? Como um seminarista ou um pastor já experiente que esteja interessado no trabalho de plantação de igreja deve se preparar? Sendo um plantador de igrejas desde a época do seminário (ano 2000), posso dizer que não há muita literatura com orientações do ponto de vista confessionalmente reformado.

Em vez disso, temos que procurar como agulha no palheiro por verdades aplicáveis, entre a literatura dos movimentos modernos de crescimento de igrejas¹, materiais de plantação de igrejas pentecostais² ou, na melhor das hipóteses, do movimento de igrejas emergentes como a Acts 29 Network [Rede Atos 29]³.

Em minha época como seminarista e agora como um ministro, o que mais tem me beneficiado em tal situação, é ler e aplicar a Palavra de Deus em meu contexto e usar as confissões reformadas e os princípios teológicos reformados, todos em conjunto com outros ministros reformados experien-

tes e plantadores de igrejas em sessões de discussão sobre este assunto. Nos últimos anos, contudo, diversos materiais têm sido publicados. Em 1999, o Westminster Seminary California [Seminário Westminster da Califórnia] realizou sua “Segunda Conferência Bienal de Missões” sobre plantação de igrejas no país e no exterior⁴. Em 2002, a Orthodox Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Ortodoxa] (OPC) publicou um manual intitulado: *Plantando uma Igreja Presbiteriana Ortodoxa*⁵. Finalmente, o Mid-America Reformed Seminary [Seminário Reformado Central-Americano] realizou um “Workshop de Plantação de Igrejas” em 2008, e as quatro palestras foram publicadas na edição daquele ano do *Mid-America Journal of Theology*⁶ [Revista Centro-Americana de Teologia]. Esses recursos têm sido um pequeno começo em remediar essa situação para o plantador de uma igreja confessionalmente reformada.

Uma vez que vivemos num tempo em que até a mídia [norte]-americana reconhe-

ce o interesse e a propagação do que é chamado de “O Novo Calvinismo”⁷, nós, em nossos seminários e igrejas, precisamos equipar os nossos potenciais plantadores de igreja para ministrarem nestes tempos agitados. Assim como a versão King James traduz Efésios 5.16, precisamos “remir o tempo”. Meu propósito neste artigo, então, é dar - àqueles que buscam servir em igrejas confessionalmente reformadas como plantadores de igrejas, bem como às igrejas que gostariam de apoiar esses homens para esse ministério em particular - algum material prático para desenvolver uma paixão por difundir a fé reformada em nossa geração. Como consequência, o que eu disser não será meramente uma discussão de princípios (*principia*) de plantação de igreja, mas também sobre como esses princípios deveriam ser aplicados na realidade (*practica*) da pessoa e caráter do plantador de igreja confessionalmente reformada⁸. A necessidade dessa abordagem não é apenas baseada no fato de que a nossa teologia é prática, como afirmou William Ames (1576-1633) ao dizer que a “*Teologia é a doutrina ou o ensino do viver para Deus*”⁹ mas também é pelo fato de que a plantação de igrejas é extremamente difícil e um árduo trabalho físico, emocional, mental e espiritual¹⁰.

Princípios fundamentais

Antes de pensarmos sobre ser um plantador de igrejas, abordaremos os princípios fundamentais necessários. Esses princípios (*principia*) são *princípios fundamentais* na medida em que são ideias iniciais, pressuposições e compromissos com que um plantador de igreja deve estar comprometido ao

fazer o trabalho de plantação de igreja e então lançar as bases para tudo o que ele deve fazer em seu ministério¹¹.

Esses princípios fundamentais são encontrados em Atos 2.42: “*E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações*”. A importância de Atos 2.42 como um texto programático para a vida da Igreja do Novo Pacto, foi expresso por Francis Turretin (1623-1687) que falou sobre como esse texto nos dá três princípios em particular (*praecipua*) para o fundamento da igreja¹². Em seu comentário, João Calvino (1509-1564) também falou sobre os princípios fundamentais neste texto: “*Lucas está registrando aquelas coisas que constituem a forma da igreja visível aos olhos do público. De fato, ele define quatro marcas pelas quais a verdadeira e genuína aparência da Igreja pode ser distinguida. Estamos à procura da verdadeira Igreja de Cristo? A imagem dela está aqui vividamente pintada para [toda] a vida*”¹³.

Aqui vemos que a igreja está firmemente baseada sobre três princípios: A igreja é um organismo e uma instituição teológica, litúrgica e comunitária. As palavras de Lucas não são apenas uma descrição histórica do que foi a mais antiga comunidade do novo pacto, mas também é uma aplicação em muitas áreas relacionadas ao que fazemos como plantadores de igreja. Por exemplo, o nosso culto corporativo é baseado sobre esses princípios: deve ser doutrinário, litúrgico e comunitário. Dessa maneira, a nossa vida cristã é baseada nesses princípios a que nós mesmos nos “devotamos” (*proskartereō*) quanto à teologia, à liturgia e à comunidade como cristãos. Finalmente, em nossas classes de membros¹⁴ o que temos fei-

to é iniciar os novos crentes e membros nesses três princípios¹⁵. Como aqueles que podem ser enviados como plantadores de igreja em áreas sem igrejas confessionalmente reformadas, devemos sempre manter esses três princípios diante de nós como elementos primários, os princípios fundamentais da nossa vida e do ministério.

O plantador de igreja deve se devotar à teologia

O plantador de igreja deve se dedicar ao “ensino dos apóstolos”, isto é, a doutrina deles, a teologia deles. Como tal, ele confessa tudo o que é ensinado na Palavra de Deus: “Cremos que a Sagrada Escritura contém perfeitamente a vontade de Deus e que ensina suficientemente tudo aquilo que o homem precisa saber para ser salvo” (Confissão Belga, Art. 7)¹⁶. Contudo, o plantador de igrejas reformadas não confessa a Palavra de Deus como se estivesse em uma ilha, conforme a sua “particular elucidação” (**idias epiluseōs** 2 Pedro 1.20). Ele confessa a Palavra de Deus conforme o Espírito do Cristo que subiu e conduz a igreja a toda verdade (Jo 14.26; 15.26). Se por um lado o plantador de igreja está iniciando algo novo ao plantar uma igreja, por outro, o que ele começou não é novo. Essa é a razão pela qual ele precisa ter uma apreciação profundamente arraigada pela “pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3) como expresso nos antigos credos ecumênicos da Igreja. Essa é a razão pela qual os plantadores de igrejas devem estar absolutamente convencidos e firmados nas confissões e catecismos reformados porque estão de acordo com a Palavra de Deus¹⁷. Tal como prometeram na *Forma de Subscrição do Sínodo de Dort*:

Nós, abaixo assinados, Ministros do Evangelho... por meio deste, sinceramente e em boa consciência diante do Senhor, declaramos, por meio desta subscrição, que cremos sinceramente e estamos convencidos de que todos os artigos e pontos da doutrina contidos na Confissão Belga e no Catecismo de Heidelberg das Igrejas Reformadas, conjuntamente às explicações de alguns pontos da referida doutrina elaborados pelo Sínodo Nacional de Dordrecht, 1618-1619, integralmente estão de acordo com a Palavra de Deus¹⁸.

Uma das coisas que um jovem plantador de igrejas aprenderá e experimentará é que tudo é teológico e que a teologia confere estabilidade a tudo. Um exemplo que, sem dúvidas, pode ser repetido e vivido muitas vezes pelos ministros ao lerem esse artigo, foi o que ocorreu em um Dia do Senhor, bem cedo à noite. O culto da noite tinha terminado e voltei para casa para ser brindado por quatro chamadas telefônicas de cinco minutos informando-me que quatro membros da minha igreja tinham, cada um, ido para o hospital. Não é necessário dizer que isso foi algo esmagador. A única coisa que me deu confiança - e sanidade - era que eu estava fundamentado na doutrina reformada da providência paternal de Deus. O Catecismo de Heidelberg (1563) belamente expressa essa doutrina em sua exposição do primeiro artigo sobre o Credo Apostólico: “Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do céu e terra”. A resposta ali é que “o eterno Pai do nosso Senhor Jesus Cristo” não apenas criou tudo “do nada”, mas também “os sustenta e governa por Seu conselho e providência eternos”. Por essa causa, “Creio nEle tão completamente que não tenho nenhuma dúvida de que... conver-

terá em bem para mim toda a adversidade que me enviar nessa vida conturbada; Ele assim pode fazer porque é Deus Todo-Poderoso, mas o quer fazer, porque é Pai Fiel (P& R 26)¹⁹. O Catecismo segue ensinando sobre a providência de Deus, que é seu “onipotente e onipresente poder, por meio do qual, com as Sua mãos, Ele sustenta continuamente o céu e a terra e todas as criaturas” e que, portanto “todas as coisas na verdade, não nos vêm por acaso mas procedem da Sua mão paternal” (P& R 27)²⁰. São três os benefícios de se saber disso: Podemos ser pacientes na adversidade, agradecidos na prosperidade e podemos, quanto ao futuro, confiar firmemente em nosso Deus e Pai fiel, porque criatura alguma poderá nos separar do Seu amor; pois todas elas estão de tal modo em Sua mão que sem a Sua vontade, elas não podem nem mesmo se mover” (P&R 28)²¹.

Deus usou essas perguntas e respostas para gravar em mim que mesmo na minha ansiedade como um jovem plantador de igreja eu estava *coram Deo*, diante da face do meu Deus e Pai Todo-Poderoso; e eu não estava apenas na teoria, mas na realidade.

Outro aspecto a ser dedicado à teologia dos apóstolos como um plantador de igreja é o quanto esse compromisso é aplicado na pregação. Um plantador de igreja deve ver a si mesmo como Deus o vê, isto é, como um ministro. Medite sobre quanto a metáfora do arauto profético é tão comum para o pastor nas Escrituras (e.g., Is. 40; 2 Tm 4). O pastor profeta é como uma voz no deserto, como um arauto sobre o topo da montanha e fala seriamente do evangelho, as boas novas ao pior dos pecadores²².

Os plantadores de igreja precisam resgatar essa consciência ao saírem para o ministério em um mundo pós-tudo. Somos profetas que proclamam uma mensagem da Lei e do Evangelho ao mundo ao nosso redor - uma lei que ninguém consegue obedecer (Rm 8.7-8) e um Evangelho que ninguém está disposto a crer (Sl 2.1-3; Rm 8.5-8; 1 Co 2.14). O plantador de igreja ministra a mensagem de Cristo conforme o método de Cristo.

Isso significa que a mensagem deve ser transmitida na forma como Deus instituiu e planejou. O que devemos perceber é que não é a toa que Deus nos chama de ministros. Somos ministros da Palavra, a sua Palavra. O ministério não é lugar para ingenuidade. Não somos chamados a criar novas medidas, métodos relevantes, visuais e experimentais para “traduzir” o Evangelho à cultura moderna. Muitas igrejas na América [do norte] acreditam que o Evangelho possa ser comunicado muito bem por meio de um teatro, apresentações de skate ou por ter um grande playground para crianças no “campus” da igreja; embora o Novo Testamento seja tão claro que isso seja contrário ao modelo da Palavra. Somos chamados para falar o que Cristo falou e da maneira que Cristo disse para falarmos! A mensagem e o método são elos inseparáveis e entrelaçados - você não pode separá-los²³. O método da Escritura é oral, proclamação verbal, pois “a fé vem pela pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Essa proclamação do glorioso Evangelho possui um vocabulário multifacetado em 1 Timóteo: “admoeste” (1.3; 6.17 [= exorte]), “expondo estas coisas” (4.6), “ordena” (4.11), “ensina” (4.11; 6.2), “leitura” (4.13 [leitura pública, ESV]), “exortação” (4.13); “ensino”; (4.13; 5.17; 6.1 [=doutrina]), “prega-

ção”; (5.17 = [afadigam na palavra]), “recomenda”; (6.2)²⁴. Somos chamados a usar as habilidades concedidas por Deus para levar a Palavra do evangelho ao mundo que necessita ouvir²⁵.

Especialmente como plantadores de igreja, devemos ter um senso de urgência da pregação por muitas razões, incluindo o fato que talvez ninguém apareça na próxima semana! Um plantador de igreja é como Paulo chamou a Timóteo, um “evangelista”; (**euangelistēs**; 2 Tm. 4.5; ESV), isto é, alguém que difunde o Evangelho²⁶. Como plantador de igreja, preguei à uma congregação de dez pessoas; sim, era deprimente ver tão poucos comparecendo, mas eu tinha sido chamado para pregar o Evangelho àquelas dez pessoas como se fossem as últimas dez almas sobre a terra. Como Richard Baxter (1615-1691) afirmou: “*Eu pregava como se nunca mais fosse pregar de novo, e como um homem morrendo para homens morrendo*”. Um plantador de igreja será um evangelista, anunciando as novas do Rei e do seu reino. Um plantador de igreja será um missionário, indo para algum lugar, seja próximo ou distante, com a missão e propósito de anunciar essa Palavra. Um plantador de igreja será um pioneiro, desbravando um caminho para a vinda do Reino da graça de Cristo no reino de Satanás, que é “o deus deste século” (2 Co 4.4). Um plantador de igreja não começará um clube social ou tentará simplesmente atrair as multidões; em lugar disso, o que ele faz é teológico, confrontando “este mundo perverso” (Gl 1.4). Esse último ponto é importante lembrar, uma vez o quanto “a-teológica” a igreja tem se tornando em nossa cultura. A tentação é rebaixar o padrão para atrair as pessoas; e você será tentado e cederá, ao me-

nos em sua mente, isso quando não também em suas ações. Se por um lado essa estratégia talvez atraia alguns turistas, por outro, não atrairá aqueles “que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4.23)²⁷. A grande questão em ser plantador de uma igreja reformada é que você talvez seja o único pregador na cidade com perspicácia teológica.

Se um plantador de igreja não for comprometido à uma visão reformada da pregação, ele será tentado a capitular em todos flancos. De um lado será tentado a fazer a igreja se parecer com a cultura. Por outro lado, será tentado a substituir a pregação pela liturgia da High Church²⁸. E ainda, será tentado a ceder aos seus próprios desejos pecaminosos e aos do seu povo.

O plantador de igreja deve se devotar à liturgia

O plantador de igreja deve também se dedicar à liturgia, isto é, ao culto público do povo de Deus. Isso é o que Lucas chama de “no partir do pão e nas orações”²⁹. Um plantador de igreja deve se dedicar ao culto público ao Deus Triúno e passar essa devoção aos seus novos membros. Como alguém que, provavelmente, esteja iniciando uma congregação reformada em uma área que não haja outra, essa devoção deve ser palpável. A que se deve assemelhar essa devoção? Permitam-me apontar algumas áreas.

Em primeiro lugar, desde o início da plantação de uma igreja, enfatize e faça do culto no Dia do Senhor um princípio inegociável. Isso é o que somos como cristãos e isso é o que fazemos - chamados para subirmos o monte ce-

lestial de Deus (Sl 24; Hb 12.18-25) de maneira que nos prostremos diante do trono de Deus em confissão e recebidos em torno da mesa do Senhor em ações de graça ao recebermos a sua graça. Esse modelo de “descansar um dia” e “trabalhar seis dias” precisa ser um padrão da vida do plantador de igreja bem como da vida da sua congregação. Assim como na teologia, os arredores da igreja e a cultura desvalorizarão o domingo como o Dia do Senhor e cada vez mais as igrejas ao redor da igreja confessionalmente reformada plantada terão, como alternativa, cultos aos sábados à noite. O modelo sabático certamente não será atrativo à cultura. Uma vez que o plantador de igreja estiver comprometido a isso, e a congregação seguir o seu líder, então talvez, apenas talvez, se possa acrescentar um estudo bíblico no meio da semana ou atividade para os membros e as suas crianças³⁰.

Em segundo lugar, permitam-me dar uma forte exortação para que o potencial plantador de igreja reformada seja firme no culto reformado. A teologia reformada não é apenas diferente para a maioria das pessoas que chegam às nossas igrejas, o nosso culto é claramente diferente. A razão da diferença é a nossa teologia. O nosso culto é resultado da nossa teologia, e não algo apesar dela³¹. O conteúdo da nossa teologia dirige tanto a matéria quanto à forma do culto, e elas não podem ser divorciadas³². Nós adoramos da maneira como adoramos por cremos da maneira que cremos, não vice-versa. Pastoralmente falando, isso significa que um plantador de igreja precisa ser paciente com os cristãos evangélicos não-reformados que não estão acostumados ao nosso culto. Trabalhe com eles. Encontre-se com eles. Converse com eles. Treinando sua

congregação por meio de uma classe de catecismo, estudos no meio da semana, ou escrevendo para saber o que eles fazem e porquê o fazem no culto, sendo paciente com aqueles que não compreendem³³.

Em terceiro lugar, como plantador de igreja, o estudo da história do culto cristão e as formas do culto histórico precisam ser o tema favorito em nossos tempos. Gostaria de encorajar a todos os interessados na plantação de igreja a que se devotassem aos escritos de eruditos contemporâneos tais como Hughes Oliphant Old, bem como aos escritos dos próprios reformadores sobre o culto. Em meus estudos tenho descoberto que nós, como povo reformado, sempre fomos um povo conscientemente litúrgico, muito mais do que temos sido hoje³⁴. Todas as igrejas da Reforma tinham um culto comum, o que significava que tinham estabelecido liturgias, formas e oração. O que foi surpreendente para mim é que, ao usar essas formas históricas de culto no meu ambiente, atraímos exatamente o mesmo tipo de pessoas que o movimento da “Igreja Emergente” tem buscado. Esses jovens de vinte e poucos anos que anseiam por uma comunidade, transcendência e estabilidade são atraídos - não repelidos - por um culto litúrgico. Como uma demonstração do poder da história, transcendência e estrutura sobre a nossa cultura pós-moderna, um artigo recente no *The Christian Science Monitor* descreveu porque as mulheres europeias estão se convertendo ao Islã. Elas estão abandonando o seu “cristianismo” nominal pelo culto transcendente do islamismo, pelas orações estruturadas, pela vida moralmente rigorosa. Como um convertido disse: “*O Islã exige uma proximidade com Deus. O islamismo é mais*

simples, mais rigoroso e mais fácil por ser explícito. Eu estava procurando por um modelo; o homem precisa de regras e comportamentos para seguir. O cristianismo não me deu os meus pontos de referência”. Um erudito muçulmano refletiu a respeito dessas razões nessas palavras: “Muitas mulheres estão reagindo às incertezas morais da sociedade ocidental... Elas gostam do senso de pertencimento, do cuidado e do compartilhamento que o Islã oferece”³⁵.

O plantador de igreja deve se devotar à comunidade

O terceiro princípio ao qual um plantador de igreja deve se dedicar é à comunidade, a igreja planta a comunidade. Assim como a igreja primitiva era “devota” e firme em seu amor “na comunhão”, da mesma forma um plantador de igreja deve ser comprometido com a comunidade da sua igreja. Isso significa que os plantadores de igreja precisam ser incansáveis em suas visitas aos membros da igreja, buscando conhecê-los, aconselhando, catequizá-los os levando dos caminhos do mundo para os caminhos da Palavra, e convivendo com eles entre seus altos e baixos. Por sermos um povo reformado, estamos intimamente familiarizados com a ideia de visitas familiares ou nos lares (*huisbezoek*)³⁶ como um dos aspectos que os presbíteros fazem anualmente, daí também porque os plantadores de igreja devem se apropriar desse conceito e torná-lo propriamente seus³⁷. Como pastores, os plantadores de igreja devem conhecer familiarmente as suas ovelhas pelo nome, assim como o nosso Supremo Pastor faz (Jo 10.3): “Vocês devem conhecer quem são elas e onde estão física e espiritualmente. Saber o que elas fazem para viver e o lugar onde

trabalham. Conhecer a situação dos seus casamentos e relacionamentos familiares. Conhecer o que os provoca e o que os encoraja. Conhecer a necessidade dos mais novos e dos mais velhos da igreja”³⁸.

Como professores, os plantadores de igreja precisam ser incansáveis no ir de “*casa em casa*” (**kat’oikous**; At 20.20). Não há ainda presbíteros; um plantador de igreja é pregador, professor, conselheiro espiritual e atua como presbítero. Visitar regularmente os membros de uma igreja plantada significa fazê-lo muitas vezes ao ano, e é um meio de instrução, de orar por necessidades particulares e congregacionais, bem como construir uma confiança e abertura necessária no relacionamento pastor-ovelha.

Outra forma de vermos a comunidade dos santos exemplificada no Novo Testamento é pensar na hospitalidade dos santos. Como Paulo disse, “praticai a hospitalidade” (Rm 12.13). Dentre várias exortações do apóstolo em Romanos 12 nenhuma delas é mais poderosa para a vida do cristão e a igreja cristã local. Uma coisa é Paulo dizer “amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraterno” (Rm 12.10), mas bem diferente é afirmar “*praticai a hospitalidade*”. O primeiro caso é uma atitude, enquanto o último é uma ação; um é o credo e outro é a obra. Hospitalidade é amor em ação. É a forma de Paulo dizer o que Tiago falou: “*eu, com as obras, te mostrarei a minha fé*” (Tg 2.18). A hospitalidade demonstra amor. Ela derruba muros. Ela abre o caminho para a comunhão. Ela diz aos que a recebem: “Vocês são bem-vindos aqui; Tenho o privilégio de vocês estarem em minha casa, à minha mesa”. Por causa disso que o Novo

Testamento traduz “hospitalidade” por **philo-xenia** - o amor por estranhos. Os plantadores de igreja precisam estabelecer o exemplo de hospitalidade aos membros da sua igreja bem como para os seus vizinhos. Para com os que eram salvos Pedro exortou o corpo de Cristo: “*sede mutuamente hospitaleiros, sem murmuração*” (1 Pe 4.9). Para com os que eram estrangeiros Hebreus nos exorta: “*Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns praticando-a sem o saber acolheram anjos*” (Hb 13.2)³⁹. Fazendo isso, os plantadores de igreja viverão vidas transparentes na comunidade junto aos membros da igreja; eles construirão a comunidade, construirão a confiança e construirão uma atmosfera piedosa quanto ao trabalho e oração⁴⁰. Você ficará surpreso quando convidar membros, visitantes da igreja e vizinhos para virem à sua casa. Como são poucas pessoas que já foram convidadas para casa de um pastor! Essa é uma poderosa maneira de demonstrar que você não é intocável em sua torre de marfim, mas que você se importa pelas almas e também deseja estar aberto a elas.

Todos esses três pontos acima são um modo geral de dizer que o plantador de igreja reformada confessional deve ser o homem mais convicto e de firmes princípios entre as nossas igrejas. Ele deve ser como alguém praticamente lutando lá fora por conta própria contra as tentações em cada esquina. Ele deve ser dedicado à sua teologia bíblica e confessional, à sua liturgia bíblica e confessional, e à sua igreja e comunidade em geral. Ele não é um homem que representará o seu Senhor e Rei se ceder, de tempos e tempos, à pressão religiosa e social, muitos menos diante da perseguição daqueles a quem ele dirige essas sérias palavras.

Princípios de aptidão

Além dos três princípios fundamentais que o plantador de igreja deve ter, como dito acima, o plantador de igreja deve possuir certos princípios de aptidão, isto é, algumas habilidades, dons e traços de personalidade. Foi pensando nisso, que lembramos que Paulo exortou ao jovem pastor Timóteo a colocar diante da congregação aqueles homens que não apenas desejassem ser bispos, mas também que fossem “*aptos a ensinar*” (**didaktikon**; 1 Tm 3.2). E ele também disse à Timóteo: “*Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir*” (**didaktikon**; 2 Tm 2.24). O bispo e o ministro devem não apenas desejar ensinar a Palavra, mas também devem ter habilidade em aplicar a Palavra aos seus ouvintes. Há distinção está entre o conhecimento e a sabedoria. Enquanto o conhecimento é o domínio do conteúdo, a sabedoria é a habilidosa aplicação do conteúdo. Podemos afirmar que a sabedoria em relação ao ensino é o domínio do contexto. O que vem agora a seguir são várias aptidões que o plantador de igreja deve ter.

Paixão por plantar (rm 10.1)

Um plantador de igreja deve ter paixão em estar no ministério de plantação de igreja. Isso significa que ele deve ser apaixonado em propagar o Evangelho de Jesus Cristo às pessoas e em lugares onde o ele não é proeminente. Como afirmei acima, o plantador de igreja deve compreender que ele é um profeta, trazendo uma estranha - embora necessária - mensagem ao mundo. Ele deve estar “*tão intensamente agarrado ao significado da dou-*

*trina da igreja que, diante da proposta do seu presbitério, esteja disposto a mudar para um lugar onde ele seja necessário.”*⁴¹ Do ponto de vista da história da Reforma, o plantador de igreja deve ter o fervor evangelístico dos nossos antepassados reformados na plantação de igreja, inclusive como o próprio João Calvino⁴². Foi o exemplo de Genebra que produziu o moderno movimento de missões, sob a liderança de pioneiros como David Brainerd (1718-1747) entre os índios americanos⁴³, William Carey (1761-1834) na Índia⁴⁴, Henry Martyn (1781-1812) na Índia e na Pérsia⁴⁵, Adoniram Judson (1788-1850) em Burma⁴⁶, John Patton (1824-1907) nas Novas Hébridas⁴⁷ e Jonathan Goforth (1859-1936) na China⁴⁸. Como afirmou William Carey após ter narrado o estado das nações do mundo em seus dias: *“Todas essas coisas são um chamado em alta voz aos cristãos, especialmente aos ministros, para que se empenhem ao máximo em suas diversas esferas de ação, e busquem ampliá-las tanto quanto possível”*⁴⁹.

Essa paixão deve ser evidenciada por meio de fervente oração para que não-crentes venham a ter contato com os membros de sua igreja bem como com os cultos da sua igreja e que assim sejam convertidos pelo Espírito Santo. Ele deve orar com intenso amor para que os evangélicos mergulhados em igrejas de ‘justiça-e-boas-obras’ descubram para qual *“liberdade... que Cristo nos libertou”* (Gl 5.1) em sua comunidade.

Essa paixão deve ser evidenciada pelo plantador de igreja ao também treinar e motivar os seus membros a darem o seu testemunho⁵⁰. Hipercalvinistas e pregadores que estão preocupados simplesmente em “ma-

nutenção do ministério”, isto é, mantendo aqueles que já estão, não se preocupam, nem aplicam isso. O livro de plantação de igreja da OPC [Igreja Presbiteriana Ortodoxa] dá alguns excelentes conselhos nessa direção:

*Alcançar o perdido não é apenas a responsabilidade de um pastor ou líder cristão. É responsabilidade de cada crente dar testemunho da graça de Jesus Cristo. Portanto, permita que o seu exemplo sirva para encorajar outros a fazerem o mesmo. Deixe claro às pessoas que nem todos na igreja são chamados ou têm o dom de ser evangelista, mas não é disso que se trata. Mostre-lhes através do seu exemplo o significado de ser sal e luz, e enfatize a importância da fidelidade em vez do sucesso*⁵¹.

À luz do que foi dito acima, isso significa que um candidato ao ministério em uma igreja reformada não deve assumir o chamado para plantar uma igreja simplesmente por ser a sua única opção. Além disso, se você é formado em um seminário e candidato ao ministério e o seu desejo é ser um pastor em uma grande e melhor congregação estabelecida, ou ser, por exemplo, até mesmo um pastor auxiliar⁵² que fez vários aconselhamentos, você não foi chamado para ser um plantador de igreja. Já vi esta situação. Não apenas o plantador de igreja acaba ficando infeliz, mas a sua igreja - ou ao menos o que restou dela. Ser um plantador de igreja não é apenas outro emprego, mas é um chamado e uma paixão. Não digo isso também como se eu fosse alguém que sempre está ardendo por plantação de igreja. Sentimentos vêm e vão; minha paixão dada por Deus permanece a mesma. Vemos isso no exemplo de Paulo, que disse aos romanos que sua *“boa vontade... do coração e... súplica*

a Deus” era em favor do Israel incrédulo para que fosse salvo (Rm 10.1). Sua paixão por estabelecer novas igrejas é vista quando ele afirma: *“esforçando-me, deste modo, por pregar o Evangelho, não onde Cristo já fora anunciado”* (Rm 15.20). O seu objetivo final era passar por Roma e ir para a Espanha, a fronteira mais extrema do Império Romano e conhecida do mundo ocidental (Rm 15.24). Se essa não for a sua paixão, isso não é algo para se envergonhar. Há muitas congregações que podem aproveitá-lo, e nelas Deus pode usá-lo.

Habilidade em ser agradável

É também importante destacar que o plantador de igreja deve ser agradável. Em todas as interações com incrédulos, visitantes da igreja, visitação aos potenciais novos membros, sendo reconhecido pela comunidade, bem como em todos os encontros com os membros da igreja plantada, o plantador de igrejas precisa ser “normal”. Ele deve ser capaz de se comunicar com todo tipo e condições de homens. Como afirma o livro da OPC [Igreja Presbiteriana Ortodoxa] de plantação de igreja: *“se você não se importar profundamente com as pessoas, se geralmente você não se relaciona bem com elas, e se perceber que não gosta delas tanto quanto gosta dos seus livros e seus estudos, então o trabalho de plantação de igreja não correrá bem para você. Nada mais no ministério reformado funcionará muito bem, incluindo a pregação, se você não se importar profundamente com as pessoas”*⁵³.

Para com os que estão de fora dessa igreja isso significa que o plantador de igreja precisa andar pela comunidade. A comunidade na qual um plantador de igreja reformada está

começando precisa de um homem que seja bom em gastar uma boa quantidade de tempo social com as pessoas e não simplesmente um homem que gasta todo o seu tempo isolado em seus estudos. Deixe a casa, deixe os estudos. Estude em cafeterias e pequenos restaurantes da comunidade. Junte-se ao serviço de vigilância comunitária, à APM (Associação de Pais e Mestres) e a lista segue por lugares onde começar a construir relacionamentos. Conforme uma história, o Dr. Cornelius Van Til ia ao *pub*⁵⁴ toda semana na Filadélfia como uma forma de conhecer novas pessoas, responder as suas questões e evangelizá-las.

Para com os que estão dentro da igreja, lembre-se do exemplo do apóstolo Paulo: *“jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa”*(At 20.20). Vemos Paulo pregando nos locais tradicionais como as sinagogas (e.g., Atos 13.5) bem como em situações incomuns tal como no Areópago, onde ele pregou aos filósofos (At 17), e ele também ainda testemunhou enquanto estava aprisionado (At 16.25-34).

Isso não significa que a plantação de igreja é voltada às pessoas. Os plantadores de igreja devem ser conhecidos como pessoas agradáveis, mas não personalistas. Na sua obra clássica sobre a liturgia reformada, *Onze Eeredienst* [Nosso Culto], Abraham Kuyper (1837-1920) critica o que ele viu no cristianismo [norte]-americano, quando afirma:

Somente na América e em algumas das nossas pequenas e independentes igrejas há esse espírito livre e reinante. É bastante comum na América, especialmente em cidades grandes,

*que um ministro comece a sua própria igreja, atraindo quem seja, e mantendo a sua igreja através das contribuições que chegam. Tal igreja é, portanto, literalmente um negócio próprio conduzido por um ministro, sem um padrão confessional e sem vínculos com outras igrejas. Não é nada mais do que um círculo reunido ao redor de um talentoso orador.*⁵⁵

A situação hoje continua a mesma, até mesmo entre o “Novo Calvinismo”; já citado anteriormente. Para um plantador de igrejas confessionalmente reformadas, contudo, não se trata de personalidade. Como João Batista afirmou: “*Convém que ele cresça e que eu diminua*” (Jo 3.30).

Habilidade para lidar com desapontamentos

Por começar do zero, um plantador de igreja não deve apenas ser apaixonado por aquilo que faz, mas também deve ser capaz de lidar com muitos desapontamentos que virão em seu caminho na plantação de igreja⁵⁶. Por exemplo, os plantadores de igreja devem ser capazes de lidar com o desapontamento de membros caindo em pecados publicamente graves. Nos primeiros dois anos do meu ministério, assim que a minha congregação tinha sido plantada, regada e já transparecendo algum crescimento estável, duas vezes tive de voltar das férias ao ser informado de sérios pecados dentro da igreja que vieram à tona enquanto estive fora. E esses não eram membros que chegaram depois, mas do núcleo da membresia que auxiliou a começar a nossa igreja. Isso foi desapontador? Absolutamente. Era algo impossível de lidar? Absolutamente não pela força de Cristo, embora praticamente tenha sido tão difícil quanto qualquer coisa

que eu jamais tivesse tratado até aquele ponto da minha vida.

Outra área na qual a capacidade em lidar com desapontamentos é crucial para o plantador de igreja reformada é ser capaz de lidar com muitos visitantes e, aparentemente, sérios inquiridores que nunca mais voltarão. Se chamarem os cultos reformados de “católicos”, se não podem suportar a mensagem de culpa, graça e gratidão conforme o que é pregado no púlpito, ou se eles reclamam que a igreja é pequena demais para as necessidades da sua família, você ficará desapontado. No seu excelente e encorajador livro, *Preaching and Worship in the Small Church* [Pregação e Culto na Pequena Igreja], William Willimon e Robert Wilson contrastam a mentalidade da mega-igreja do mundo cristão com a pequena igreja:

*Enquanto algumas pessoas possuem um sentimento mordaz pela pequena igreja como algo de segunda categoria e que não chega a ser o bastante ao que poderia ser no mundo de hoje; outras pessoas... veem a pequena igreja como um anacronismo, mantida viva por gente teimosa que defenderia uma instituição até a morte, se possível ou até mesmo encorajados a isso. Eles veem essas igrejas como impedimento ao desenvolvimento do tipo de congregação necessário hoje. Contudo, a pequena congregação continua a existir, fazendo o que ela e a Igreja Cristã sempre fizeram, ainda que de maneira imperfeita: ganhando adeptos, nutrindo-os no caminho da vida cristã, reunindo-os a cada semana e pregando e, como em muitas comunidades rurais, finalmente enterrando-os no cemitério ao lado, confiantes que percorreram com êxito a corrida e receberam a recompensa dos fiéis.*⁵⁷

Se você foi chamado para plantar igrejas, você foi chamado para inicialmente ministrar em uma pequena igreja, e isso se não for para sempre. Por causa disso há duas maneiras práticas de lidar com o desapontamento. A primeira delas é a mais importante peça de sabedoria que aprendi de um colega e amigo nos primeiros anos do meu ministério. Ele contou que quando era um plantador de igreja que aprendeu que ele não era o Espírito Santo. Eu também precisava aprender isso. Isso é, em parte, o que Paulo afirmou ao escrever aos coríntios em 1 Coríntios 3.5-7: *“Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento”*.

Plantar uma igreja é obra de Deus. O plantador de igreja é somente um servo que semeia e rega as sementes. Como tal, ele deve pensar em longo prazo. Semana após semana pessoas vêm e vão, mas os seus olhos estão sobre a meta de plantar, regar e estabelecer uma igreja sólida e confessionalmente reformada em que ele seja capaz de lidar com os altos e baixos da obra. Não se trata, portanto, do plantador de igreja, mas se trata de Cristo: *“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor”* (2 Co 4.5).

A segunda maneira prática de lidar com as lutas e tristezas do desapontamento é desenvolver uma relação próxima com os colegas do seminário que também foram ao ministério como você e encontrar um colega ministerialmente experiente, que esteja por perto ou alguém disposto a encorajá-lo por telefone.

Não descarto o contato humano e as conversas como meios que o Espírito Santo usa para lhe tirar *“de um tremedal de lama”* (Sl 40.2). O plantador de igreja deve se apoiar sobre os seus pais e irmãos no Senhor para se aconselhar: *“Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo”* (Pv 27.17). Esses irmãos devem ser utilizados como conselheiros quando você estiver desanimado e desesperado. Na prática, um plantador de igreja deve fazer disso um hábito ao chamar outros pastores com quem possam prestar contas, uma vez que algumas igrejas plantadas não tenham santos maduros. Esses telefonemas semanais ou encontros também devem servir ao propósito de encorajamento, oração e auxílio.

Habilidade para Ser Determinado

Plantadores de igreja são pioneiros - são os que saem para começar um trabalho que ninguém mais faria para que assim outros possam continuá-lo. Um dos aspectos do espírito pioneiro é ser determinado. Basicamente, resume-se nisto: se você não trabalha duro comumente em sua vida como um empregado, marido, pai, etc., então não pense que você tenha sido chamado para ser um plantador de igreja - muito menos um pastor! Se você passou raspando na faculdade ou seminário, fazendo trabalhos medianos entregues no último minuto, ou se você não trabalha bem com uma rotina estabelecida, muitas vezes interrompida, você não será capaz de lidar com a plantação de uma igreja. Começar uma plantação de igreja não é a maneira de aprender a autodisciplina. Não é o lugar para a formação de aprendizes. Se você não tem determinação e autodisciplina, por amor à igreja, não se torne um plantador de igreja! O lema dos Mari-

nes [fuzileiros navais] deve ser o da Corporação dos Plantadores de Igreja: “Os poucos; os orgulhos”. Poucos atenderão o chamado e serão capazes de enfrentar o desafio, enquanto outros serão necessários na importante missão de pastorear grandes e estabelecidas congregações que servirão como bispos e apoiando a plantação de igrejas reformada.

Os plantadores de igreja devem ser capazes de acordarem à segunda-feira pela manhã e voltar ao trabalho. Eles devem fazer isso apesar do fato de a segunda-feira ser “o dia de folga” do pastor, seu *sabbath* de descanso. Ele precisa levantar após pregar, na melhor das hipóteses, dois sermões razoáveis, e assim voltar ao trabalho na sua igreja que está financeiramente no vermelho, apesar do fato de ter duas pequenas crianças, uma dor de cabeça latejante e ter falecido o seu mais dedicado presbítero por um câncer no cérebro. Com dois sermões para pregar, estudos bíblicos para ensinar, realizar telefonemas, fazer contato com os visitantes, aconselhamento, momentos de comunhão, reuniões do conselho, além de tudo mais que se deve fazer como um ser humano normal, não há tempo sobrando. Em muitos aspectos, um plantador de igreja está em uma ilha. Ele não tem uma “equipe de funcionários” nem o luxo de poder ter uma mentalidade de escritório, onde pode fazer alguma pausa e conversar a respeito com algumas pessoas. Na maioria das vezes, não há nada além de um plantador de igreja em seus estudos ou na rua fazendo o que precisa ser feito⁵⁸. Por isso, ele precisa ter a atitude do apóstolo Paulo e aplicar o seguinte na plantação de igreja: “*esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo,*

para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.13–14).

Habilidade para liderar por delegação

Seguindo na mesma linha de ser determinado está a capacidade de liderar uma plantação de igreja por delegação⁵⁹. Sim, um plantador de igreja tem uma tonelada de trabalhos comuns a fazer, mas também deve pagar o aluguel da igreja, o eletricitista do ar-condicionado - porque é quente demais aos domingos - e participar de jantares com a família que acabou de ter o seu primeiro bebê. Não há ninguém mais que possa fazer essas coisas inicialmente. Esse o motivo que ele deve aprender a deixar de lado as coisas que não sejam essenciais ao seu chamado e delegar tarefas a outras pessoas responsáveis na congregação conforme o padrão do apóstolo em Atos 6.1-7. Se for viável, organize um comitê de direção o mais breve possível sob a supervisão do conselho local para ser um comitê consultivo e tomarem conta de muitas tarefas seculares. Ele também deve buscar alguns membros da igreja e desenvolvê-los para que sejam úteis nas tarefas do dia a dia⁶⁰.

Os plantadores de igreja são “um show de um homem só” em muitos aspectos, mas não se sentem confortáveis por serem apenas um. Não somos mini-administradores ou tiranos, mas pastores. Outros podem realizar as coisas como mudar o tipo de letra do boletim, organizar lanches e pessoas para o berçário, ou lidar com as finanças da igreja. Embora inicialmente ele possa realizar muitas dessas coisas fazendo um compromisso de mudar algumas delas pouco a pouco, e como Deus traz pessoas para a congregação, delegar é essen-

cial para o seu crescimento como um pastor e o crescimento delas como servos.

Habilidade de lidar com o stress

Finalmente, o plantador de igreja confessionalmente reformada do século XXI deve - e eu enfatizo deve - ser capaz de lidar com todo o stress de ser um pastor, marido e pai, mas especialmente em ser um plantador de igreja. Ele deve aprender a ter autocontrole, ser paciente, ser calmo. Isso não é fácil. Se ele não tem alguns hobbies, ele precisa ter um. Música clássica - seus gêneros, compositores e história - é um maravilhoso hobby que alivia o stress. Jardinagem, aprender sobre o desenvolvimento mental e psicológico dos seus filhos, e até mesmo cuidar de um cachorro também podem ser eficazes contra o stress. Com tudo isso que o plantador de igreja realiza, ele precisa aprender a ficar longe, de tempos em tempos, para não perder a cabeça ou acabar levando a sua igreja ao chão. E, especialmente, ele deve orar em momentos de *stress* como o Senhor o chamou a fazer: *“lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós”* (1 Pe 5.7).

Conclusão

Um plantador de uma igreja confessionalmente reformada deve ter princípios fundamentais quanto à teologia, à liturgia e à comunidade, bem como aptidões capacitadoras como paixão pela plantação de igreja, uma personalidade digna no relacionamento com os outros, saber lidar com desapontamentos, ser determinado, liderar por delegação e saber lidar com o *stress*. Isso significa que um plantador de igreja em potencial

tem ou não essas habilidades. A plantação de igreja, portanto, não é um degrau para a maior igreja da sua denominação⁶¹. É um chamado. A conclusão de Willimon e Wilson do seu livro sobre ministério em pequenas igrejas é bem apropriado para a plantação de igreja quando afirmam:

*Se você medir o sucesso do seu ministério pela quantidade das pessoas, pelo prestígio da igreja onde você serve, ou pelo louvor das autoridades denominacionais, você está com um sério problema por estar em uma pequena igreja... Mas se você tem consciência que foi chamado por Deus - se você sabe que a autoridade última e validação final do seu ministério advêm do fiel serviço e celebração da Palavra e sua confrontação do povo Deus, a sua condição de servo continuará sendo abençoada. Você terá a felicidade em saber que tem fielmente proclamado a Palavra e que é um instrumento da graça de Deus ao povo que cultua em uma igreja de poucos membros.*⁶²

Deve ser uma fonte de grande encorajamento para nós, como plantadores reformados de igreja, que os nossos antepassados também pastorearam pequenas igrejas. Por exemplo, a igreja que John Owen (1616-1683) pastoreou de 1673 até o final de sua vida em 1683 começou com 40 membros. Nos últimos dez anos do seu ministério, a igreja recebeu 111 novos membros⁶³. Isso significa que John Owen, “o príncipe dos puritanos”⁶⁴, “o Calvino da Inglaterra”⁶⁵, do qual o epitáfio o descreve como “digno de ser arrolado entre os principais teólogos da época”⁶⁶ pastoreou uma igreja que cresceu 11 almas por ano. Esse é o tipo do lento e constante crescimento pelo qual um ministro de uma pequena igreja plantada deve orar.

O que eu apresentei acima são apenas algumas coisas que nós, como igrejas reformadas, devemos começar a discutir e pensar, uma vez que prepararemos e enviaremos plantadores de igreja em nossa cultura. Que essa exposição leve todos nós a um autoexame – os nossos princípios, os nossos dons, a nossa habilidade e a nossa personalidade para que o nosso Deus, o grande missionário, levante uma geração de zelosos plantadores de igrejas confessionalmente reformadas bem como estabeleça pastores para que o Reino do nosso Senhor Jesus Cristo venha e seja “*de mar a mar, até nunca mais das luas haver o crescer e o minguar*”.⁶⁷

¹ Por exemplo, veja G. A. Pritchard, *Willow Creek Seeker Services: Evaluating a New Way of Doing Church* (Grand Rapids: Baker Books, 1996), Nelson Searcy and Kerrick Thomas, *Launch: Starting a New Church from Scratch* (Ventura, CA: Regal Books, 2006), e Rick Warren, *The Purpose-Driven Church: Growth Without Compromising Your Message & Mission* (Grand Rapids: Zondervan, 1995).

² Por exemplo, veja C. Peter Wagner, *Strategies for Church Growth: Tools for Effective Mission and Evangelism* (Ventura, CA: Regal Books, 1987), Elmer L. Towns, C. Peter Wagner, e Thom S. Rainer, *The Everychurch Guide to Growth: How Any Plateaued Church Can Grow* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1998), e C. Peter Wagner, *Church Growth and the Whole Gospel: A Biblical Mandate* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 1998).

³ Por exemplo, veja Ed Stetzer, *Planting Missional Churches: Planting a Church That’s Biblically Sound and Reaching People in Culture* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), Ed Stetzer and David Putman, *Breaking the Missional Code: Your Church Can Become a Missionary in Your*

Community (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), ou no site da Rede Atos 29, que é “uma rede de pastores ao redor da nação e do mundo que sonha ajudar líderes qualificados chamados por Deus para plantarem novas igrejas e revitalizar igrejas em declínio”. <http://www.acts29network.org/>.

⁴ As dezoito palestras em áudio estão disponíveis no site do Seminário de Westminster da Califórnia: <http://wscal.edu/>.

⁵ *Planting an Orthodox Presbyterian Church* (Willow Grove, PA: The Committee on Home Missions and Church Extension of the Orthodox Presbyterian Church, 2002). Com encontrado online em <http://www.opc.org/chm/chplant/planting.pdf>. Acessado em 3 abril 3, 2009. Cf. *Manual for Presbytery/CHMCE Partnership* (Second edition; Willow Grove, PA: The Committee on Home Missions and Church Extension of the Orthodox Presbyterian Church, 1997). Como encontrado em http://www.opc.org/chm/HM_Manual_97.pdf. Accessed April 3, 2009.

⁶ Paul Murphy, “Session One: Heart Preparation,” *Mid-America Journal of Theology* 19 (2008): 223–232; Phil Grotenhuis, “Session Two: The Romance and the Reality,” *Mid-America Journal of Theology* 19 (2008): 233–241; Phil Grotenhuis, “Session Three: Extreme Makeover—A Kingdom Approach to Mission,” *Mid-America Journal of Theology* 19 (2008): 243–250; Paul Murphy, “Session Four: A Covenantal and Organic Approach,” *Mid-America Journal of Theology* 19 (2008): 251–264.

⁷ David Van Biema, “10 Ideas Changing the World Right Now: The New Calvinism,” *Time* 173:11 (March 23, 2009); cf. Colin Young, *Restless, Reformed: A Journalist’s Journey with the New Calvinists* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2008).

⁸ Para alguns pensamentos introdutórios sobre os princípios de plantação de igreja a partir de uma perspectiva reformada veja Daniel R.

Hyde, “On Being a Church Planter,” *Christian Renewal* 23:16 (May 11, 2005): 20–22; “Church Planting Principles from the Book of Acts,” *Christian Renewal* 22:9 (January 26, 2004): 20–22; “The Recipe for Church Planting from the Book of Acts,” *Christian Renewal* 25:12 (March 14, 2007): 24–25.

⁹ William Ames, *The Marrow of Theology*, trans. John Dykstra Eusen (1968; repr., Grand Rapids: Baker Books, 1997), 77.

¹⁰ Para um artigo prático sobre isso, veja Grotenhuis, “Session Two: The Romance and the Reality,” 233–241.

¹¹ Para uma definição de *principia theologiae* veja Richard Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* (Grand Rapids: Baker, 1985), 245–246.

¹² François Turretini, *Institutio Theologiae Elencticae* (Genevae: Samuelem de Tournes, 1690), 3:100. Para a versão em inglês veja Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, trans. George Musgrave Giger, ed. James T. Dennison, Jr., 3 vols. (Phillipsburg: P&R, 1997), 3:89. - N.T. A obra *Institutio Theologiae Elencticae* (1679-1685) foi publicada, em 2011, em três volumes no Brasil pela Editora Cultura Cristã sob o título “Compêndio de Teologia Apologética”. (C.L. Grimm).

¹³ John Calvin, *The Acts of the Apostles: Vol. 1*, trans. W. J. G. McDonald, *Calvin’s New Testament Commentaries*, 12 vols., ed. David W. Torrance and Thomas F. Torrance (1965; repr., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1982), 6:85; cf. *Institutes of the Christian Religion*, ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles (Philadelphia: The Westminster Press, 1960), 4.17.44.

¹⁴ N.T. Classe de membros. Sala de estudos bíblicos para novos membros e novos convertidos. (C.L. Grimm).

¹⁵ Por exemplo, veja como relaciono esse texto na catequese dos novos membros em “Teaching Membership Classes,” *Ordained Servant* 14:1 (Março de 2005): 11–14. Para um curso completo para novos membros veja Daniel R. Hyde, *The Good Confession: An Exploration of the Christian Faith* (Eugene: Wipf & Stock, 2006).

¹⁶ *The Creeds of Christendom*, ed. Philip Schaff, rev. David S. Schaff, 3 vols. (1931; repr.; Grand Rapids: Baker, 1996), 3:387–388. N.T. www.igrejasreformadasdobrasil.org/doutrina/confissao-belga/i-deus-e-os-meios-pelos-quais-ele-e-conhecido (C.L. Grimm).

¹⁷ Para um exemplo de discussão sobre subscrição confessional veja *The Practice of Confessional Subscription*, ed. David W. Hall (Oak Ridge, TN: The Covenant Foundation, 1997), especialmente W. Robert Godfrey, “Subscription in the Dutch Reformed Tradition,” 67–75.

¹⁸ Essa forma de subscrição é usada nas United Reformed Churches in North America [Igrejas Reformadas Unidas na América do Norte], que pode ser encontrada em www.urcna.org. Cf. *Psalter Hymnal* (Grand Rapids: Board of Publications of the Christian Reformed Church, 1976), 117; *The Practice of Confessional Subscription*, 69.

¹⁹ N.T. Extraído de <http://www.heidelberg-catechism.com/pt/lords-days/9.html> (C.L. Grimm).

²⁰ N.T. Extraído de <http://www.heidelberg-catechism.com/pt/lords-days/10.html> (C.L. Grimm).

²¹ Schaff, *Creeds*, 3:316–17. N.T. Extraído de <http://www.heidelberg-catechism.com/pt/lords-days/10.html> (C.L. Grimm).

²² Veja John Angell James, *An Earnest Ministry* (1847; Edinburgh: Banner of Truth, 1993).

²³ Veja Michael Horton, “Is Style Neutral?” *Modern Reformation* 5:1 (Jan/Feb 1996).

²⁴ N.T. Colchetes acrescentados. Versão original (English Standard Version - ESV) e tradução (Revista e Atualizada - RA). (C.L.Grimm).

²⁵ Veja Daniel R. Hyde, “The Principle and Practice of Preaching in the Heidelberg Catechism,” *Puritan Reformed Journal* 1:1 (January 2009): 97–117; “Portrait of a Pastor,” *Covenanter Review* 16:2 (Fall 2007): 5–12.

²⁶ N.T grifado. (C.L.Grimm).

²⁷ Esses termos como “turistas” e “os que buscam” são de Michael S. Horton, “Seekers or Tourists?: Or the Difference Between Pilgrimage and Vacation,” *Modern Reformation* 10:4 (July/August 2001): 12–18; cf. “How the Kingdom Comes,” *Christianity Today* 50:1 (January 2006): 42

²⁸ N.T. Grifado. High Church - no caso, igreja de formato litúrgico rígido e ritualístico, e.g. da tradição anglicana (C.L. Grimm).

²⁹ Para alguns apontamentos práticos sobre a liturgia na plantação de igreja, veja *Planting an Orthodox Presbyterian Church*, 42.

³⁰ Sobre o Dia do Senhor veja John Owen, “Concerning a Sacred Day of Rest,” *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, ed. W. H. Goold, 7 vols. (1855; repr.; Grand Rapids: Baker Book House, 1980), 2:265–546; R. Scott Clark, “Whatever Happened to the Second Service?” *Recovering the Reformed Confession: Our Theology, Piety, and Practice* (Phillipsburg: P&R, 2008), 293–342.

³¹ Cf. Daniel R. Hyde, “Liturgy as Catechism,” *The Journal of the Church Music National Conference* (2005): 17–20. Para uma explicação dos princípios e práticas do culto reformado aos que são novos quanto ao culto reformado, veja Daniel R. Hyde, *What to Expect in*

Reformed Worship: A Visitors’ Guide (Eugene: Wipf & Stock, 2007).

³² Veja Michael Horton, “Is Style Neutral?” *Modern Reformation* 5:1 (Jan/Feb 1996): 5–10.

³² Para um exemplo sucinto, artigos básicos por meio de aspectos chave do culto reformado que escrevi para a minha congregação, veja Daniel R. Hyde, “What is Reformed Worship? (I): It Is Biblical,” *The Outlook* 57:5 (Maio de 2007): 5–9, “What is Reformed Worship? (II): It Is Historical,” *The Outlook* 57:6 (Junho de 2007): 6–9. “What is Reformed Worship? (III): It Is Covenantal,” *The Outlook* 57:7 (Julho/Agosto de 2007): 5–9, “What is Reformed Worship? (IV): It Is Evangelical,” *The Outlook* 57:8 (Setembro de 2007): 4–7, “What is Reformed Worship? (V): It Is Reverential,” *The Outlook* 57:9 (Outubro de 2007): 5–8, “What is Reformed Worship? (VI): It Is Joyful,” *The Outlook* 57:10 (Novembro de 2007): 5–8, “What is Reformed Worship? (VII): It Is Liturgical,” *The Outlook* 57:11 (Dezembro de 2007): 6–9

³⁴ Para uma discussão do culto reformado histórico quanto aos feriados evangélicos (i.e., calendário litúrgico da igreja), veja Daniel R. Hyde, “Lutheran Puritanism? Adiaphora in Lutheran Orthodoxy and Possible Commonalities in Reformed Orthodoxy,” *American Theological Inquiry* 2:1 (January 2009): 61– 83.

³⁵ Peter Ford, “Why European Women are Turning to Islam,” *The Christian Science Monitor* (December 27, 2005). Como encontrado em <http://www.csmonitor.com/2005/1227/p01s04-woeu.html>. Accessed April 2, 2009.

³⁶ N.T. *Huisbezoek*. Termo holandês para “visita nos lares”. (C.L.Grimm).

³⁷ A Ordem da Igreja do Sínodo de Dort afirma: “O ofício do presbítero é... realizar visitas familiares para a edificação da congregação na medida em que possa ser feito antes e após a Ceia do Senhor, especialmente para consolar os membros da congregação”.

ção, ensinar e também exortar outros a professarem a religião cristã” (Art. 23). P. Biesterveld and H. H. Kuyper, *Ecclesiastical Manual Including Decisions of the Netherlands Synods and Other Significant Matters Relating to the Government of the Churches*, trans. Richard R. De Ridder (Grand Rapids: Richard R. De Ridder, 1982), 165. Cf. Idzerd Van Dellen and Martin Monsma, *The Church Order Commentary* (1941; repr.; Wyoming, MI: Credo Books, 2003), 108–111; Peter Y. De Jong, *Taking Heed to the Flock: A Study of the Principles and Practice of Family Visitation* (Grand Rapids: Baker Book House, 1948).

³⁸ *Planting an Orthodox Presbyterian Church*, 37 cf. 38.

³⁹ N.T. A maioria das versões em inglês trazem a expressão “*hospitalty to stranger*”, o que não ocorre em português. (C. L. Grimm).

⁴⁰ Para dois excelentes livros sobre temas semelhantes, veja Mary Beeke with Joel Beeke, *The Law of Kindness: Serving with Heart and Hands* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2007) e Marva J. Dawn, *Truly the Community: Romans 12 and How to Be the Church* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992).

⁴¹ *Planting an Orthodox Presbyterian Church*, 35.

⁴² Sobre a ênfase nas missões de João Calvino veja Frank A. James, III, “Calvin the Evangelist,” *Reformed Quarterly* 19:2 (Outono de 2001). Conforme <http://rq.rts.edu/fall01/james.html>. Acessado em 2 de Abril de 2009. Keith Coleman, “Calvin and Missions,” *Western Reformed Seminary Journal* 16:1 (Fevereiro, 2009): 28–33. Conforme http://www.wrs.edu/Materials_for_Web_Site/Journals/16-1_Feb-2009/Coleman--Calvin_Missions.pdf. Acessado em 2 de Abril, 2009. Joel R. Beeke, “Calvin’s Evangelism,” em *Living for God’s Glory: An Introduction to Calvinism* (Orlando: Reformation Trust Publishing, 2008), 275–288.

⁴³ John Thornbury, David Brainerd: Pioneer Missionary to the American Indians (Darlington, England: Evangelical Press, 1996).

⁴⁴ Vishal e Ruth Mangalwadi, *The Legacy of William Carey: A Model for the Transformation of a Culture* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1999).

⁴⁵ David Bentley-Taylor, *My Love Must Wait: The Story of Henry Martyn* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1975).

⁴⁶ Courtney Anderson, *To the Golden Shore: The Life of Adoniram Judson* (Valley Forge, PA: Judson Press, 1987).

⁴⁷ John G. Paton, *Missionary to the New Hebrides, An Autobiography* Edited by His Brother (1889; repr.; Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965).

⁴⁸ Rosalind Goforth, *Goforth of China* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1937).

⁴⁹ William Carey, *An Enquiry into the Obligations of Christians to Use Means for the Conversion of the Heathens* (Leicester, England: Ann Ireland, 1792). Conforme http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?fk_files=51264&pageno=21 Acessado em 2 de Abril, 2009.

⁵⁰ Cf. Murphy, “Session One: Heart Preparation,” 226–230.

⁵¹ *Planting an Orthodox Presbyterian Church*, 41. Para alguns livros úteis sobre dar testemunho e evangelismo a partir de um perspectiva reformada, veja *Reformed Evangelism: A Manual on Principles and Methods of Evangelization* (Grand Rapids: Baker, 1948); Calvin Knox Cummings and John Murray, *Biblical Evangelism Today: A Symposium* (Philadelphia: The Committee on Christian Education of the Orthodox Presbyterian Church, 1954); R. B. Kuiper, *God Centered Evangelism* (Edinburgh: Banner of Truth, 1966); Will Metzger, *Tell*

the Truth: The Whole Gospel to the Whole Person by Whole People (Rev. ed., Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 2002); Joel R. Beeke, Puritan Evangelism: A Biblical Approach (Second edition, Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2007).

⁵² O pastor auxiliar é uma função permitida pela política eclesiástica reformada praticada por igrejas presbiteriana. O pastor auxiliar é auxiliar do pastor titular.

A função de pastor auxiliar não existe na política reformada continental. Esta é a política praticada pelas Igrejas Reformadas do Brasil e outras no mundo.

⁵³ Planting an Orthodox Presbyterian Church, 37.

⁵⁴ Um pub é um tipo de bar muito popular no Reino Unido, República da Irlanda e outros países de influência britânica, como Austrália ou Nova Zelândia, onde são servidas bebidas e comida ligeira (fest food).

⁵⁵ Abraham Kuyper, Our Worship, ed. Harry Boonstra, trans. Harry Boonstra, Henry Baron, Gerrit Sheeres, and Leonard Sweetman, The Calvin Institute of Christian Worship Liturgical Studies, ed. John D. Witvliet (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009), 6–7.

⁵⁶ Planting an Orthodox Presbyterian Church, 35.

⁵⁷ William H. Willimon and Robert L. Wilson, Preaching and Worship in the Small Church (Nashville, TN: Abingdon, 1980), 14.

⁵⁸ “O rigor do ministério pastoral é dobrado para o pastor organizador. Você não tem apenas todas as responsabilidades de um pastor, mas também deve cuidar de todos os detalhes necessários da estrutura inicial e operação da nova igreja. Como um pastor organizador de um trabalho missionário, o que será exigido do seu tempo será significativo. Isso

quer dizer que será imperativo que você mantenha um calendário e trabalhe com uma agenda. Mas ser um sábio administrador do seu tempo também significa permitir interrupções para alterar a agenda, uma vez que não é realmente o seu tempo que você administra, mas a conduta do seu ministério. Além disso, será importante para você manter alguma lista de tarefas e responsabilidades e incorporá-las no agendamento do seu tempo. E, finalmente, será vital que você aprenda a distinguir entre as coisas que são urgentes e aquelas que são realmente importantes como o planejamento das 168h do seu ministério semanal”. Planting an Orthodox Presbyterian Church, 49.

⁵⁹ Dois excelentes livros sobre liderança que podem ser adaptados para o uso pastoral são de John C. Maxwell, The 21 Indispensable Qualities of a Leader: Becoming a Person Other Will Want to Follow (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999) and The 21 Irrefutable Laws of Leadership: Follow Them and People

Will Follow You (1998; rev. ed., Nashville, TN: Thomas Nelson, 2007).

⁶⁰ “Hoje, com a disponibilidade da tecnologia dos computadores, não há desculpa para materiais ruins impressos. Mas escolher o conteúdo correto ainda continua sendo um processo difícil, e criar um formato atrativo para se compor esse conteúdo leva tempo. Em uma igreja maior e mais madura, geralmente há pessoas dotadas que são indicadas para a tarefa de assegurar que o material impresso da congregação seja produzido com qualidade e eficiência. Mas, em um trabalho missionário, a tarefa de garantir um excelente material impresso geralmente acaba sendo do pastor organizador”. Planting an Orthodox Presbyterian Church, 42–43.

⁶¹ Cf. as palavras de Willimon e Wilson contra a influência capitalista na igreja que dá destaque ao “maior e melhor” de maneira que os pastores de pequenas igrejas são vistos como menos importantes do que pastores de grandes igrejas, visto que um pastor não tenha “chegado lá” até ser o pastor sênior de uma grande igreja. Como eles dizem, “se

os números estão crescendo, a congregação e o seu pastor são presumidamente bem sucedidos. Se tem permanecido os mesmos ou decrescendo, alguma coisa está obviamente errada”. *Preaching and Worship in the Small Church*, 30.

⁶² Willimon and Wilson, *Preaching and Worship in the Small Church*, 123.

⁶³ Peter Toon, *God’s Statesman: The Life and Work of John Owen* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1971), 151, 154–155.

⁶⁴ Andrew Thomson, *John Owen: Prince of Puritans* (1850; repr.; Ross-shire, Great Britain: Christian Focus Publications, 2004).

⁶⁵ Toon, *God’s Statesman*, 173.

⁶⁶ Toon, *God’s Statesman*, 182

⁶⁷ N.T. Trecho da primeira estrofe do hino inglês *Jesus Shall Reing* [Jesus reinará] de Isaac Watts (1674-1748). Baseado no Sl. 72.5-17 (C.L.Grimm).

ESTENDENDO A MÃO

James Visscher

No início de um novo ano, é sempre bom recuar um pouco e refletir sobre as prioridades da vida e o que vem pela frente. Fazer isso é bom para nossas vidas pessoais e também para nossa vida eclesial.

Olhando para as coisas de maneira mais próxima: “Como vai a sua vida? Em particular, como vai a sua vida com o Senhor? Existe comunhão diária com ele? (Você ora?) Há um ouvir diário Dele? (Você lê a Sua Palavra?) Há um devocional diário para ele? (Você procura fazer a vontade dele?) A disposição que você teve em 2017 é também o seu objetivo para 2018?”

Olhando para as coisas da igreja, “Como é isso? Você é fiel na adoração? (Você faz bom uso de todo Dia do Senhor?) Você está envolvido na comunhão? (Você usa seus talentos e dons para os outros?) Você está comprometido em alcançar outros? (Você anda e fala da vida cristã?) Em comparação ao ano passado, quão bem você fez essas coisas na igreja?”

Enfrentando um obstáculo

Para ser honesto, é provavelmente nesse último ponto que acabamos de mencionar que sua vida enfrenta um obstáculo. Estou me referindo à parte de alcance. Nosso envolvimento na adoração pode ser satisfatório e nossos esforços pelos outros membros podem estar lá, mas é a parte de proclamar e de se opor que precisa de trabalho.

Não é verdade? Alguns de nós são tímidos, outros são facilmente amarrados à língua, também há aqueles que são muito autoconscientes, e há aqueles entre nós que estão simplesmente assustados. Nós não ousamos! Não é que não nos importamos. É só que não sabemos onde ou como começar. “E se a outra pessoa ficar com raiva? E se eles se sentirem ofendidos? E se, e se ...?”

Agora, em um nível, tudo isso é compreensível. Em outro nível não é. Tome nossas igrejas como um exemplo. Quanto esforço, tempo, oração e dinheiro não são gastos fazendo trabalho missionário em casa e no exterior. Localmente, temos Streetlight, Cam-

pfire, Prince George, Stepping Stones e todo tipo de outros projetos evangelísticos. No exterior, temos nossos missionários trabalhando no Brasil, na China, na Indonésia e em Papua Nova Guiné, além de apoiar projetos de missão e ajuda missionária em todo o mundo. Ninguém pode dizer que, como um todo, as Igrejas Reformadas do Canadá estão em baixa em termos de “divulgação”.

Mas há a dimensão pessoal, e essa é muitas vezes outra história. Podemos não ter problemas para enviar dinheiro aqui, ali e em todo lugar. Podemos orar regularmente pelos obreiros de Deus em todo o lugar. Podemos estar presentes quando missionários e obreiros da missão vierem à cidade e fizerem suas apresentações emocionantes. Mas pessoalmente falando com outras pessoas ao nosso redor sobre as coisas da fé? Bem...? Falando sobre

Cristo com nossos vizinhos, colegas de trabalho, amigos ...? Convidando-os para um estudo da Bíblia ou para cultuar com você...? Isso simplesmente não acontece.

Opções?

Então, o que fazemos? Deixamos pra lá? Deixamos os poucos que são ousados carregarem o fardo? Deixa para aqueles que têm “o dom da palavra” para se aproximar do prato pelo resto de nós?

Mas isso não pode ser! No fundo, sabemos que é uma racionalização e, no final, não faz bem para as nossas almas, não é? Pois sabemos o que nosso Senhor disse: “Vós sois o sal da terra ... Vós sois a luz do mundo” (Mateus

5:13,14). Sabemos o que Atos diz: “Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra” (literalmente “trouxeram a Boa Nova por toda parte”) (8:4). Sabemos o que Paulo escreve sobre a vida dos crentes e sobre eles brilhando “como luzeiros no mundo” (Filipenses 2:15). Sabemos que tipo de elogios Pedro prepara quando diz sobre nós -

“Vós. porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”

(1 Pedro 2:9)

“Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.”

(Matheus 10:32)

Ai! Os lábios fechados e as bocas fechadas não estão na mesma categoria que “negar”?

Não importa como você veja, isso é coisa séria. Os santos silenciados não são apenas santos fracos, são santos ameaçados de extinção. Eles correm o risco de serem dispensados, descartados e até repudiados.

Então, realmente, se você se considera um filho de Deus, você não tem opções aqui. Pela própria natureza de seu chamado como tal, você foi dotado de um ofício real, sacerdotal e profético (cf. Catecismo de Heidelberg, DS 12). Você tem o dever de lutar como um rei, oferecer-se como um sacerdote e falar como um profeta.

Fora da zona de conforto

Mas como? Como um profeta sem palavras encontra sua voz? Como um santo confortável sai de sua zona de conforto?

Você pode dizer que começa com viver uma vida tridirecional. O que eu quero dizer? Bem, primeiro você precisa olhar para baixo. Você precisa olhar profundamente em sua própria alma. Você precisa perguntar: “O que vive lá? Existe fé verdadeira no Deus Todo-Poderoso? Existe um profundo amor pelo Salvador Redentor? Existe uma verdadeira dependência do Espírito Revigorante?” Você vê, no fundo, tudo é uma questão do coração. “O seu coração está em sintonia com Deus? É reto para com Deus? Ele está admirado e maravilhado com sua graça e amor por você em Jesus Cristo? Ele está repleto de ações de graças e gratidão?” Começamos então olhando para baixo e para dentro de nós mesmos.

Não permanecemos apenas lá. Pois há outra direção, e é para o alto. De fato, é para cima, para cima, para Deus e para o seu trono. Nós olhamos para ele em oração e assaltamos seu trono com nossos pedidos. Que tipo de pedidos? Nós proferimos pedidos por coragem, convicção, ousadia, sabedoria, discrição, gentileza, paciência e muito mais. Afinal, o que nos torna realmente eficazes como reis, sacerdotes e profetas não vem de baixo, mas de cima. Não é uma questão de descobrir um talento oculto ou despertar um dom adormecido. É uma questão de Deus descer do alto com o seu Espírito e trabalhar em nós. Só ele é capaz de nos capacitar. Então olhe para cima, olhe para cima todos os dias e tire sua força da Pessoa que está sentada no trono.

Qual é o próximo? Ou é só isso? Isso não é suficiente? Enquanto nos conhecermos e ao nosso Deus, podemos parar e ficar satisfeitos - certo?

Errado! Não podemos parar. O povo de Deus não é apenas um povo comprometido e um povo conectado, eles também são um povo comissionado. A terceira direção do povo de Deus é sempre para fora e externamente. Precisamos, como o título de um livro escrito por um de nossos antigos e respeitável líderes, disse: “IDE!” Aqui vem o Salmo 96,

“Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas.”
(Salmo 96:3)

Como outro respeitado líder cristão disse sobre estas palavras: “Este é o nosso hino nacional como cristãos!”

Agora, eu sei que há alguns entre nós que pensam que este é apenas um hino nacional para pastores, missionários e outras pessoas ordenadas. Eles falam tudo por todos nós, e nós podemos apenas sentar, orar e pagar nosso caminho para o reino dos céus. Mas isso vai contra todo o impulso da revelação bíblica. No Antigo Testamento, Deus não apenas pediu às pessoas importantes ou aos líderes que fossem “uma luz para as nações”. Esta foi uma tarefa nacional e um chamado corporativo. E o mesmo se aplica ainda mais no Novo Testamento. Todos os crentes são chamados a ser “luzes”. Todos aqueles que, pela fé, estão ligados a Jesus Cristo “a Luz do mundo” não podem fazer nada além de brilhar. Não brilhar como um crente requer uma grande tigela ou alqueire (cf. Mateus 5:15).

Lembre-se, então, dessas três direções: para baixo, para o alto e para fora.

Ao trabalho

O que vem depois? Você e eu precisamos começar a trabalhar.

Onde? Por que não começar com aqueles que estão mais próximos de você? Comece com seus amigos. Você tem amigos incrédulos? Como você tem agido diante deles? Você tem vivido uma vida dupla ao redor deles? Você sabe o que eu quero dizer.

Dois grupos de amigos

Muitas vezes os cristãos têm dois grupos de amigos. Eles têm amigos da igreja e amigos do mundo. Eles se encontram com seus amigos da igreja no domingo, usando um tipo de linguagem com eles (limpo, piedoso, íntegro) e fazendo certas coisas especiais com eles (adorando, estudando a Bíblia, tendo comunhão uns com os outros). Eles encontram seus amigos do mundo, usando outro tipo de linguagem com eles (grosseiria, chocarrice, rude) e fazendo coisas diferentes com eles (vai de um bar para o outro, usa drogas, assiste vídeos violentos/profanos). Em suma, esses cristãos são mutantes. Eles mudam de acordo com as regras do jogo.

Interessante? Sim! Mortal? Com certeza! Inclinado para o Inferno? Temo que sim! Há apenas uma solução para esse tipo de vida dupla, e está solução é chamada de “arrependimento”.

Se você está vivendo esse tipo de vida hipócrita dupla, duas caras, você precisa mudar.

Você precisa “confessar”, como dizem; isto é, você precisa assumir o seu pecado e pedir perdão a Deus. Você também precisa confessar aos seus amigos do mundo que o jogo de dupla identidade está em alta. Você está indo direto neste caminho.

Agora, isso não significa que, da noite para o dia, você tenha que se tornar um bate-dor da Bíblia ou um pregador de fogo e enxofre do inferno. Isso significa, no entanto, que você precisa começar a modelar e viver uma nova e diferente vida diante dos olhos de seus amigos do mundo. Significa também adotar uma atitude repleta de sabedoria, humildade e paciência, revestida de oração e impregnada de santidade.

Eles irão rejeitar você? Alguns podem, mas outros não. De fato, alguns podem querer ter o que você está mostrando agora. Afinal de contas, a vida mundana não é tão boa quanto dizem ser.

Vizinhos

Mas se há amigos, também há vizinhos (as pessoas que moram na casa ao lado e as pessoas com quem você trabalha). Todos nós os temos, mas você os conhece? Você sai do seu caminho para conhecê-los? Ou, como muitos cristãos fazem, você simplesmente os considera como perdidos? Imagine se o Senhor Jesus tivesse adotado esse tipo de abordagem com seus vizinhos há muito tempo? Onde eles estariam e onde nós estaríamos hoje?

Não, nosso chamado é conhecê-los. Aprenda seus nomes, ouça suas histórias, ajude-os, convide-os. “Parece perigoso!” você diz. Não

se você tomar uma abordagem chamada “participação crítica”. O que isto significa é que você mostra que enquanto você está no mundo, você não necessariamente compartilha todos os sentimentos deste mundo ou participa de todas as atividades neste mundo. Ame-os, mas sem se ajustar a eles. Ame-os, mas sem julgar. Ame-os, mas sem aprovar tudo. Fale sempre que necessário, mas com gentileza, preocupação, cuidado e compreensão. Considere seu bairro como seu campo missionário.

Como você descreveria sua congregação ou igreja quando se trata de alcançar ou evangelizar? Está interessada, desinteressada ou um tanto interessada? Está lutando? É ativa e comprometida?

Uma olhada superficial no *Anuário 2013* das Igrejas Reformadas Canadenses (Americanas) revela que a maioria de nossas igrejas têm comitês de missão ou evangelismo. A partir disso, podemos chegar à conclusão de que nossas igrejas podem ser colocadas com segurança na categoria “ativa e comprometida”.

Olhando mais profundo

Um olhar mais profundo, no entanto, às vezes revela outra coisa. Alguns desses comitês estão lutando. Eles lutam para obter orientação adequada do conselho da igreja local. Eles lutam para recrutar membros da igreja para seu comitê. Eles lutam sobre qual abordagem tomar e quais programas promover. Eles lutam para acender um fogo no coração dos membros da congregação.

É claro que há exceções, mas o fato é que em muitas de nossas igrejas o trabalho de

evangelização foi relegado a um comitê. Eles devem cuidar disso. É sua especialidade, seu fardo, sua tarefa. É o hobby de alguns.

Quando os visitantes perguntam o que está sendo feito sobre o alcance, os membros em geral são rápidos em apontar a existência de um comitê. É a prova do nosso espírito evangelístico.

Mesmo? O que é isso, senão uma forma superficial de discriminação? Ele vem sob o título de “vamos nomear um comitê e assim acalmar nossas consciências”. É uma indicação de que, embora o evangelismo possa receber o serviço de boca entre nós, não se traduz necessariamente em serviço de coração real ou apoio sério.

Está tudo bem? O que fazer? Em muitos aspectos, depende de como você vê a igreja.

O que é a igreja?

É claro que existem muitas maneiras de definir ou descrever a igreja de nosso Senhor. Palavras como “assembleia”, “congregação”, “ajuntamento” ou “comunidade” vêm à mente. Tanto o AT e NT tem a raiz dessas palavras apontando nessa direção. Além disso, existem todos os tipos de definições confessionais e teológicas. A Confissão Belga fala da igreja como “uma santa congregação e assembleia” (Art. 27). O Catecismo de Heidelberg a vê como uma assembleia que é o fruto do Filho de Deus que “reúne, protege e preserva” (DS 21). Calvino chamou-a “*a comunidade dos fiéis que Deus ordenou e elegeu para a vida eterna*” (Catecismo 1545).

Subjacente a todas essas definições está a ideia de que a igreja é a obra de Deus. Ele é Aquele que, através do seu Filho, reúne um povo. Nós não o encontramos. Ele nos encontra. Adicionado a isso está o fato de que, em e de nós mesmos, nunca o teríamos encontrado porque estávamos ocupados demais vivendo na escuridão, superstição e morte. O apóstolo Paulo diz sobre nós,

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência;”
(Efésios 2:1,2)

Mortos e dominados é o que nós éramos.

Mas então Deus nos fez vivos. Ele nos resgatou e salvou. Paulo diz que ele mesmo “nos ressuscitou” e “assentou-nos” com Cristo nos lugares celestiais (Efésios 2:6). Das profundezas fomos para as alturas. Que promoção! Que elevação mais impressionante!

Naturalmente, levantam-se questões como: “Por quê? Por que Deus decidiu fazer isso? O que o motivou?” A resposta é encontrada no versículo 4 - *“Por causa do grande amor com que nos amou”* (Efésios 2:4). Só o amor dele explica a nossa exaltação. É esse amor amplo, profundo e alto, esse amor maravilhoso, esse amor que vem do nosso Deus que é *“rico em misericórdia”* que nos dá a razão.

O propósito da igreja

Apenas isso ainda deixa algumas dúvidas sobre o propósito. Qual é a razão dele ter feito

e estar fazendo tudo isso? Por que se preocupar em construir uma igreja a partir de um monte de pecadores mortos, condenados e dominados? Por que ir na direção de todo esse grande esforço? A resposta está no verso 7 -

“para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.”
(Efésios 2)

Você entendeu isso? Deus cria a igreja para mostrar as riquezas da sua graça. A igreja é a prova viva de sua graça. Em outro lugar outro apóstolo também escreve sobre a igreja e diz.

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”
(1 Pedro 2:9)

Então, o que é a igreja? É uma comunidade de pessoas que age publicamente! É um povo de outdoor! Ela “declara” os louvores de Deus! A igreja de Jesus Cristo é para mostrar ao mundo o que é a graça e o que constitui um verdadeiro louvor. O apóstolo Paulo acrescenta que também devemos ser um povo resplandecente. Devemos resplandecer como luzeiros no mundo, vivendo no meio de uma geração pervertida e corrupta (Filipenses 2.15). Tem que haver esse lado mais público, cara a cara, reflexivo para a igreja. A igreja tem que se destacar neste mundo.

Onde está a ofensividade?

Nós percebemos isso? Estamos conscientes disso? Suspeito que, embora saibamos

que isso é verdade, não enfatizamos isso de maneira consciente ou proposital. Neste contexto, a linguagem do Dia do Senhor 48 sobre o reino de Deus vem à mente. Lá somos perguntados: “Qual é a segunda petição?” e parte da resposta é “*consERVE e aumente*” a igreja. Observe que existem esses dois lados de preservação e aumento. Ou, para colocar em linguagem popular, a igreja precisa ser como um bom time de hóquei. Precisa de muita defesa (conservar) e muita ofensividade (aumentar).

Sua equipe da igreja tem isso? Muitas vezes a defesa pode estar em boa forma, pois sabemos defender nossos ensinamentos e doutrinas. Podemos sentir o cheiro de um herege a um quilômetro de distância. Mas isso ainda não se trata de ser ofensivo. E quanto a isso? Quão bons somos como igreja em propagar e promover o evangelho neste mundo? Alguns podem apontar para o campo missionário, todas as orações e dinheiro que recebe, mas e em casa? Talvez o caso seja a ofensiva no exterior estar em boa forma, mas a ofensiva local estar mancando em uma perna?

Desenvolvendo o lado ofensivo

Como você atua localmente? Ou, como você transforma uma congregação de introvertidos espirituais em um bando de extrovertidos espirituais?

Não há uma resposta fácil ou única. Por um lado, é preciso visão. A liderança da igreja, a saber, o pastor, os presbíteros e os diáconos, precisa abraçar o fato de que uma igreja saudável é uma igreja equilibrada, consistindo de ambos: um bom ataque e defesa. Ter apenas um ou outro sempre resultará em derrota.

Por outro lado, precisa de muita oração. É o poder de Deus que tanto cria como recria a Igreja. O esforço humano não vai muito longe. De fato, não leva a lugar nenhum. Por outro lado, ajuda e esforço divinos não têm limites. Cubra todos os seus esforços com oração.

Criar uma atitude ativa também requer ensino persistente. Um técnico que tenha enfrentado uma equipe que conhece apenas a defesa precisa se esforçar para ensinar, ensinar e ensinar. (E às vezes, quando isso não funciona, ele tem que negociar). Tal é o dever do pastor. Um dos meus antigos professores, o reverendo Gilbert VanDooren, adorava comparar um pastor a um treinador.

Colegas, até certo ponto, o ônus está contigo. O que você está fazendo nas suas aulas de catecismo? O que você está fazendo em suas aulas de educação de adultos? Espero que você não esteja tornando o banco mais confortável do que já é. Espero que você esteja ensinando seu povo a abraçar também o chamado profético e missionário dele no mundo.

Isto vale, no entanto, não apenas para o pastor, mas também para o professor da escola cristã¹. Os filhos da aliança de Deus precisam ser instruídos também em seu chamado para “mostrar” e “declarar” o evangelho. Eles precisam ser lembrados de que há mais na vida cristã do que se tornar um consumidor religioso.

Posteriormente, há a pregação

Então, há os ensinamentos, mas também há a pregação. Como o pastor treina as crianças da aliança nas aulas de catecismo, ele tam-

bém ensina todo o povo da aliança de Deus do púlpito. A pregação do evangelho é o meio mais poderoso para lembrar, instruir, encorajar, admoestar e alimentar espiritualmente o povo de Deus espiritualmente.

Mas para que fim? Pessoalmente, não consigo pensar em um fim melhor do que o que lemos na carta de Paulo à igreja em Tessalônica. Lá o apóstolo diz sobre os crentes naquele lugar: “*por toda a parte se divulgou a vossa fé para com Deus*” (1 Tessalonicenses 1:8). Imagina isso? Você ser como um rádio comunicador para o Senhor? Que homenagem mais maravilhosa! Ele sai da boca do apóstolo quase como um comentário sem muita importância, mas atinge o próprio coração do que significa ser igreja.

Leitores, quão bom é o time da sua igreja? É todo defensivo? O ataque não está visível? Então o conduza para o ataque. Esforce-se pelo equilíbrio bíblico!

Organizado ou desorganizado?

Ao usar palavras como “ataque”, “defesa” e “equilíbrio bíblico”, estou tentando transmitir a mensagem de que estender a mão não é uma questão de um ou outro.

Muitas vezes é isso que fazemos parecer. Alguns de nós enfatizam a necessidade de “conservar” a verdade e, portanto, suspeitamos do “aumento”. Outros entre nós enfatizam a necessidade de “aumentar” a igreja e pensar que “conservar” é um obstáculo no caminho para atingir essa meta. Todo o tempo esquecemos que o Dia do Senhor 48 do Catecismo de Heidelberg os vê como parceiros

e não como oponentes, como dois lados de uma mesma moeda. Tudo isso destaca o fato de que tão facilmente criamos dilemas onde nenhum existe.

O mesmo se aplica à distinção de “organizado” e “desorganizado”. Quando eu estava crescendo nos anos 50 e 60, e até mesmo além disso, alguns me disseram que a igreja não deveria estar envolvida em esforços de evangelismo “organizados”. Tudo deve acontecer naturalmente. Os crentes devem simplesmente viver como crentes. Eles devem apenas deixar sua luz brilhar. Eles devem abraçar seu chamado profético e trabalhá-lo com entusiasmo. Parece bom! E é mesmo!

Mas, em seguida, um adendo foi anexado, ou seja, não precisamos de mais nada. Na igreja não deve haver coisas como atividades evangelísticas organizadas. Tire as mãos da igreja local! Deixe isso para os membros! Não vá para onde você não é chamado para ir.

Clérigo ou leigo?

Ainda assim, este não foi o único dilema que fez falar com muitos na minha juventude. Havia outro e, de certa forma, era semelhante à antiga distinção clero-leigo que era tão desenfreada na Igreja Católica Romana no tempo da Reforma. De acordo com essa visão, somente os ordenados podem realmente evangelizar. Eles tomaram as palavras de nosso Senhor no final do evangelho de Mateus sobre como fazer discípulos, batizá-los e ensiná-los como se aplicando apenas aos “*onze discípulos*” (Mateus 28:16) e as usaram para supostamente provar que o trabalho de evangelização é um trabalho ordenado.

Eles fizeram o mesmo com a palavra “pregação”. Eles disseram que isso também é algo que apenas pessoas ordenadas podem fazer, então, abarrote as pessoas nos bancos da igreja.

Falsos dilemas

Isso é verdade? Pode alguém dar uma machadada que faça a precisa separação entre “organizado” e “desorganizado”, entre “clero” e “leigo”? Eu sugeriria a você que estes são falsos e impróprios dilemas.

Por que “organizado” precisa ser colocado em oposição a “desorganizado”? Não se pode dizer que, na verdade, esses são dois aspectos ou dimensões de um e do mesmo chamado? É verdade que os membros da igreja devem ser testemunhas de Cristo neste mundo sem precisarem ser contados, treinados e programados. Eles devem fazer o que é natural para pessoas novas. Mas, ao mesmo tempo, o que há de errado com a igreja, dando-lhes algum treinamento adicional? O que há de errado com programas e esforços que complementam e acrescentem essas coisas? Não podem e nem devem os dois andar de mãos dadas?

Quanto àquela outra questão do clérigo fazendo o trabalho pesado quando se trata de evangelismo e dos leigos mais ou menos à margem, desde quando isso é um modelo bíblico? Aqueles que dizem que o final do evangelho de Mateus se aplica apenas aos devidamente ordenados estão se excedendo. Eles ignoram o fato de que o último verso desse final diz: “*E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século*” (20). São essas palavras apenas para os onze discípulos, ou para os ordenados? Eu pensei que essas ma-

ravilhosas palavras de conforto se aplicavam a toda a igreja? Veja, este final não é apenas sobre alguns membros da igreja. É sobre todos na igreja.

Claro, ainda nos resta a palavra “pregação”. Como vamos entender isso? É uma palavra exclusiva? É preciso ter cuidado aqui. Em Atos 8 lemos sobre a perseguição na igreja em Jerusalém e o resultado foi que os crentes foram dispersos. O que eles fizeram em uma situação tão terrível? Atos 8:4 diz que eles “*iam por toda parte pregando a palavra*”. Interessante! Enquanto os apóstolos ficaram em Jerusalém e se abrigavam em seus bunkers, os combatentes da linha de frente assumiram a tarefa de propagar a Palavra. Isso era permissível? Obviamente, foi.

Você vê como é preciso ter cuidado aqui? Embora seja verdade que somente alguns na igreja são chamados para pregar a Palavra no cenário da adoração semanal, também é verdade que o chamado para tornar conhecida as Boas Novas repousa com todos os que estão em Cristo. Eles podem não estar fazendo isso de uma forma profunda, sistemática ou acadêmica, mas eles devem trazê-la à luz e proclamá-la.

Uma abordagem orgânica

Talvez agora você esteja começando a perceber exatamente onde estou indo com tudo isso. O que eu quero enfatizar é que o trabalho de alcançar os perdidos é um trabalho que precisa ser feito em muitas frentes, de maneiras diferentes, usando todo tipo de pessoas. O ministro tem um chamado para pregar à congregação sob sua responsabilidade de brilhar

como luzeiros no mundo, ao mesmo tempo mantendo ao mundo “*a palavra da Vida*” (Filipenses 2:15,16). Além disso, ele precisa ensinar aos jovens da igreja que eles deveriam ser “rádio comunicadores” para Cristo. Os presbíteros que visitam as casas dos membros precisam incentivá-los a interagir e estar lá para seus vizinhos. O professor da escola cristã deve procurar aprimorar e desenvolver os talentos de seus alunos para que eles se tornem trabalhadores vibrantes do reino. Você vê como um deve complementar o outro? Todos nós devemos fazer o que pudermos para promover a tarefa profética da igreja.

Educando o rebanho

Ao mesmo tempo, existe a importância de cursos especiais de evangelismo e apologética (defesa da fé). Infelizmente, no mundo atual, somos confrontados não só com o pagão e o incrédulo, mas também com o ateu, o agnóstico e o adepto de seita. Diante do primeiro, trazemos o evangelho; confrontados por este último, defendemos o evangelho. De fato, a liderança da igreja faria bem em reservar algum tempo todo ano fazendo mais do que apenas seu trabalho regular. A manutenção eclesiástica é necessária, mas também a estimulação eclesiástica. Não deve se contentar com o status quo, mas estar indo para a ofensiva. Deveria estar se perguntando como pode equipar melhor seus membros. “Aqueles sob nossos cuidados sabem como explicar o evangelho em termos simples?” Se não, precisamos ensiná-los. “Os membros do rebanho sabem como lidar com o mórmon que bate à porta ou o humanista secular que está sempre envenenando o ambiente de trabalho?” Se não, há uma habilidade aqui que precisa ser ensinada.

Biblioteca da igreja

Outro aspecto que pode precisar de algum trabalho é a biblioteca da igreja. Eu posso estar errado, mas parece-me que muitas bibliotecas de igrejas são dominadas pelo gênero literário Francine Rivers e Janette Oke. Pode entreter, mas se educa sempre ou não é outra questão.

À luz disso, seria benéfico se as bibliotecas da igreja tivessem mais carne e menos marshmallow. Toda vez que vou à livraria cristã local, eu saio de lá decepcionado. Se o que for oferecido, é um reflexo do estado atual do cristianismo em nossa terra, então estamos em profundo e profundo problema. Leitura de entretenimento, especulação profética, boa religião, manuais intermináveis de autoajuda, brinquedos e bugigangas enchem as prateleiras, mas um livro bom, informativo e bíblicamente orientado dificilmente é encontrado.

Por isso, aqui está um chamado para bibliotecas da igreja. Identificar, comprar, promover e emprestar coisas que alimentem a mente, moldem vontades, inflamem corações e movam os pés.

Cursos para a comunidade

Quando se trata de mover os pés, a questão também é: “Como podemos como igreja mover nossos pés para o mundo, e como podemos mover os pés do mundo para dentro da igreja?” Para esse fim, recomendo que sua igreja examine seriamente um número cada vez maior de cursos de evangelismo. Estes incluem: *Um Presente do Céu* (RET), *Cristianismo Explorado* (The Good Book Company),

Curso Bíblico Emmaus (Centro de Correspondência Emmaus Canadá), *Duas Maneiras de Viver* (Matthias Media), *9Marcas* (liderado por Mark Dever).

Talvez você tenha notado que *The Alpha Course* não está na lista acima. Isso tem a ver com o fato de que, embora Nicky Gumbel, o fundador, seja um excelente comunicador, seu material tem uma clara inclinação pentecostal-arminiana. É preciso uma quantidade considerável de edição séria para uma igreja reformada fazer algo significativo com este material.

Na verdade, todo o material que você encontrar para possível uso precisará ser cuidadosamente verificado e examinado. Como sempre, discuta e avalie tudo, certificando-se de ter seus óculos confessionais reformados ao fazê-lo.

Com isso em mente, você também encontrará muitos materiais que podem ser úteis e que podem formar a base para um ótimo curso de divulgação. Um dos cursos acima que é altamente recomendado é o *Christianity Explored*. Atualmente está sendo usado por um grande número crescente de fiéis igrejas reformadas e presbiterianas em diferentes partes do mundo.

Escola bíblica de férias

Outro esforço que as igrejas devem considerar quando se trata de seu arsenal de evangelismo é a escola bíblica de férias ou a EBF. Ao contrário dos programas anteriores que visam adultos, este tem em mente as necessidades das crianças da vizinhança. Ele procura

apresentá-los ao evangelho usando história e música, arte e atividades, bondade e gentileza.

A desvantagem da EBF é que ela é curta. A maioria dos programas dura apenas uma semana. Ainda assim, às vezes é surpreendente a diferença que uma semana pode fazer na vida de um jovem. Também é ótimo ver como isso estimula o exército de voluntários que são necessários para que algo assim aconteça.

Pessoas para fazer a recepção

Outra parte diferente do quadro evangelístico tem a ver com recepções. Eu não sei sobre você, mas eu tenho visitado algumas igrejas reformadas, tanto no Canadá como em outros lugares, e ninguém oferece uma saudação ou se incomoda em se apresentar ao visitante. Ao mesmo tempo, algumas dessas mesmas igrejas gastam muito dinheiro e fazem muito barulho ao fazer evangelismo. É tudo um negócio muito estranho, frio e proibitivo.

Que vergonha também! Aqui está uma coisa tão simples e óbvia. Tudo o que precisamos é pedir a alguns voluntários para darem um passo à frente, irem à igreja cedo, usarem um sorriso, talvez colocarem uma etiqueta de saudador, proferirem uma palavra de boas-vindas e estenderem a mão. Em alguns casos, eles também podem apresentar os visitantes à família anfitriã daquele domingo. Isso é tão difícil?

Está na hora de terminar e eu nem sequer cheguei a mencionar a distribuição de literatura, transmissão ao vivo e de rádio, salas de leitura e inúmeras outras coisas, mas espero que você esteja começando a entender. Um programa de evangelismo realmente eficaz

requer o envolvimento de membros diferentes, todo tipo de esforço diferente e muitos talentos distintos. É preciso uma abordagem multifacetada e um esforço de toda a igreja.

Se a sua igreja está fazendo isso, isso é ótimo. Se não, então é hora de orar e se voluntariar. Se estiver fazendo um pouco disso, encontre maneiras de fazer mais.

Que o Senhor considere adequado abençoar nossas igrejas e membros de tal maneira que a luz do evangelho brilhe cada vez mais em nossos bairros.

Nota:

¹ A escola cristã não é a escola dominical. Elas são escolas criadas pelos pais crentes, a fim de oferecerem aos seus filhos instrução escolar baseada na fé cristã e reformada. Essas escolas são parte do cumprimento dos votos de batismo feito pelos pais que confessam a doutrina bíblica do pacto. Os professores dessas escolas são crentes comprometidos com as confissões reformadas.

A MISSÃO DE DEUS

Arjan De Visser

Pode ser complicado manter os teólogos afastados se eles possuem o mesmo sobrenome, principalmente se eles são do mesmo país e da mesma denominação. Na tradição reformada, por exemplo, nós temos dois Bavincks e dois Schilders. No mundo contemporâneo anglicano, nós temos o fenômeno de dois Wrights. Muitos leitores de Clarion estarão familiarizados com o nome N. T. Wright, o famoso bispo anglicano e estudioso do Novo Testamento. Neste artigo, quero apresentar a você um outro Wright, um também sacerdote anglicano (todavia não bispo), e estudioso no Antigo Testamento. Seu nome é Christopher J. H. Wright.¹

Wright é o diretor internacional da Langham Partnership Internacional, um grupo de ministérios fundados por John Stott em 1974. Wright é também um líder dentro do movimento de Lausanne e entregou um dos principais discursos na conferência de Lausanne III em Cape Town (em 2010). Ele tem escrito diversos livros, incluindo a *Missão de Deus* (em 2006) e a *Missão do povo de Deus* (em 2010). Sua posição teológica tem sido influenciada

por John Stott, todavia, ele parece estar cautelosamente se afastando de algumas posições de Stott (falaremos mais sobre adiante).

O livro a *Missão de Deus*² é um livro extraordinário que possui mais de quinhentas páginas. Tornou-se um trabalho padrão na área da teologia bíblica da missão. Espera-se que o livro seja um manual dos seminários evangélicos para as próximas décadas. De forma mais ampla, no movimento evangélico, é importante ter o conhecimento do que o Wright está se referindo, pois o livro irá influenciar o pensamento da próxima geração de ministros e missionários. Outra razão, para fazê-lo, é que a teologia da missão de Wright apresenta grandes lacunas. Não seria bom se a sua abordagem fosse absorvida completamente, como espero evidenciar.

Tentarei resumir o livro, mencionarei alguns pontos positivos, e falarei sobre uma série de preocupações. Preciso mencionar que eu tenho me beneficiado de ouvir uma resenha do livro de Wright, pelo Dr. Gary Millar na

Conferência da Aliança Evangélica em 2013, em Orlando, Flórida.³ Além disso, considero úteis os comentários de Kevin De Young e Greg Gilbert, em *O que é a Missão da Igreja?*⁴

Missão como Obra de Deus

É bastante complexo, resumir um elaborado e denso livro, com mais de quinhentas páginas. Peço desculpas com antecedência para o leitor, se este resumo for um pouco denso. Tentarei destacar apenas os aspectos de maior importância no livro.

Primeiro, como o título do livro sugere, Wright ressalta que o trabalho missionário é a obra de Deus. Wright nos fornece a seguinte definição de missão:

Fundamentalmente, nossa missão (se esta for bíblicamente definida e validada) designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, na missão do próprio Deus, realizada na história do mundo de Deus, para a redenção da criação de Deus. (Pag. 20).

Essa definição representa uma ênfase popular no pensamento teológico atual: não devemos pensar no trabalho missionário, em primeiro lugar, como obra da igreja. Devemos, preferivelmente, pensar no trabalho missionário como a obra de Deus, e devemos ter em mente que Deus já está a trabalhar no mundo. A igreja é chamada a participar deste trabalho. É claro, a importante questão será: O que se acredita que Deus está fazendo no mundo?

Mais um comentário a respeito da definição de Wright: Você terá reparado que ele for-

mula um propósito de trabalho missionário. A definição diz que o propósito da missão de Deus é “a redenção da criação de Deus”. Esse é o grande propósito que permite Wright incluir ação sociopolítica e cuidados ambientais, como parte e parcela do trabalho missionário (estou tentado a comentar, mas primeiro vamos concluir o resumo do livro de Wright).

Em segundo lugar, Wright fala que a missão de Deus é integral, no sentido de que ambos, espírito e corpo, necessitam ser abordados. Como consequência, a missão é tudo que os cristãos fazem para atender às necessidades físicas e espirituais do mundo. Isso é uma mudança importante! A teologia clássica reformada concordaria que os cristãos têm uma função nesse mundo, uma função que inclui ação social e cuidados com o meio ambiente. No entanto, isso não seria chamado de trabalho missionário. Na teologia clássica reformada, trabalho missionário é definido em termos de expansão do Evangelho para (1) a salvação das pessoas e (2) a plantação de igrejas. Wright, em seguimento a John Stott, toma uma abordagem mais ampla. Ele pensa no trabalho missionário como a igreja “através do envolvimento conjunto de todos os membros... aplicando o poder redentivo da cruz de Cristo a todos os efeitos de pecados e males na vida da população, sociedade e meio ambiente” (322, itálico como no original). Em outras palavras, a missão pode ser qualquer coisa que abrange desde o Evangelismo ao envolvimento social e proteção do meio ambiente. Na opinião de Wright, todos esses aspectos são importantes e nós não devemos dizer que um é mais importante que o outro (nesse contexto ele difere de John Stott que teria dito que a proclamação do Evangelho é a parte mais importante do trabalho missionário).

Sendo uma benção

Em terceiro lugar, Wright acredita que o trabalho missionário é mais sobre ser uma benção que sobre ser enviado. Ele sugere que a Grande Comissão de Mateus 28 tem desempenhado um papel muito importante no pensamento sobre missões. Nesse contexto, Wright mais uma vez é um seguidor de John Stott que diz coisas semelhantes no livro *A Missão Cristã no Mundo Moderno*.⁵ Como Stott, Wright alerta contra o foco demasiado no aspecto do “enviado” na missão. Ele adverte contra se tornar “obcecado” com os grandes imperativos da missão, como a Grande Comissão (61). Em vez de compreender a missão, primeiramente, como ser enviado para o mundo, Wright gostaria de ver a missão entendida como uma benção para a sociedade. A respeito disso, ele considera o chamado de Abraão (Gênesis 12.1-3) ser a principal passagem. Abraão foi enviado para Canaã, e o objetivo foi que as nações seriam abençoadas por sua presença e sua passagem por eles. Wright faz a notável sugestão de que o chamado de Abraão em Gênesis 12 é mais admirável ser chamado de “a Grande Comissão” que Mateus 28.18-20.

Citação: “Seria totalmente apropriado — aliás, nada mal — lermos esse texto como “a Grande Comissão”. Ele certamente é o fundamento bíblico sobre o qual o texto em Mateus está baseado, que geralmente é elevado a esse papel” (219, itálico como no original).

Em quarto lugar, Wright sugere que alguns eventos ou temas do *Antigo Testamento* devem desempenhar uma função mais importante em nosso entendimento de missão. Um desses eventos é o Êxodo, a que Wright se

refere como “modelo de redenção de Deus”. Isso tem implicações: em vez de ver o perdão dos pecados e reconciliação com Deus como os aspectos principais da redenção, Wright sugere que deveríamos olhar o Êxodo a fim de determinar o caráter da redenção. Ele defende que a redenção que os israelitas receberam através do Êxodo teve dimensões políticas, econômicas, sociais e espirituais. Era um tipo de salvação holística.

Ele conclui: “O Êxodo continua sendo um acontecimento singular e não repetível na história de Israel do Antigo Testamento, ele também é um modelo paradigmático e altamente repetível da maneira que Deus quer agir no mundo...” (285).

Em outras palavras, a missão de Deus ainda é a mesma: “Ele quer abençoar as pessoas política, econômica, social e espiritualmente. Deste modo, o trabalho missionário deve-se concentrar em todos esses aspectos. Outro aspecto do Antigo Testamento que Wright considera ser “paradigmático” é o ano do Jubileu, que ele chama de “*modelo da restauração de Deus*” (300).

Em quinto e último lugar, o livro de Wright é uma tentativa de comprovar que a Bíblia deve ser interpretada utilizando uma hermenêutica missional. Há mais sobre a missão na Bíblia do que apenas alguns “textos missionais”.

Toda a Bíblia deve ser compreendida a partir da perspectiva missional. Afinal de contas, Wright defende que Deus é um Deus missionário, um Deus que está em uma missão. Por isso, o livro de Deus deve ser interpreta-

do a partir da perspectiva missional. Wright chama essa abordagem de uma “hermenêutica missional da Escritura”. (26) Isso não significa que todo e/ou cada texto na Bíblia está dizendo algo sobre missão. A melhor opinião é que uma perspectiva missional pode servir como um tipo de mapa para nos ajudar a encontrar nosso caminho pela Bíblia, nos ajudar a entender onde Deus está indo com mundo.

Pontos Positivos

Na análise, podemos começar notando uma série de pontos positivos. A melhor parte da Missão de Deus, em minha opinião, é a parte 2, com o título: “*O Deus da Missão*”. Essa parte contém três bons capítulos. O primeiro capítulo é uma defesa do monoteísmo bíblico. O segundo capítulo é uma defesa de Jesus Cristo como o único Salvador da humanidade. Wright destaca que a Bíblia verdadeiramente vem com uma mensagem em seu contexto: “*O monoteísmo do Antigo Testamento centrado em YHWH se tornou o monoteísmo do Novo Testamento centrado em Jesus*”(126). O terceiro capítulo explica como a Bíblia confronta a idolatria de muitas maneiras, antigas ou modernas.

Citação: “Embora os deuses e os ídolos sejam alguma coisa no mundo, eles não são nada em comparação ao Deus vivo”(194, itálico como no original).

Outro valor no livro de Wright é a sua explicação sobre os aspectos importantes e as instituições da antiga aliança, tal como o chamado de Israel entre as nações e o Ano do Jubileu. Muito embora eu discorde das implicações missiológicas que Wright descreve de tais passagens, pode-se aprender bastante do seu

labor exegetico. O mesmo se aplica à sua discussão das passagens dos salmos e dos profetas que falam profeticamente sobre as nações que vendo a luz, aprendendo a Lei de Deus, reunindo-se diante do seu trono (230-243).

Uso de passagens do Antigo Testamento

Para ilustrar isso, vejamos o que Wright faz com Gênesis 12.1-3. Tendo falado que o foco de Wright nas passagens do Antigo Testamento é um dos aspectos mais intenso deste livro, eu também preciso mencionar que existem significativas questões de como ele usa o Antigo Testamento. Primeira questão é que a sua exegese das passagens do Antigo Testamento parece ser influenciada por seu desejo de ler a missão holística no texto. Apesar de todos concordarem que o chamado de Abraão é um momento central no plano de Deus na história da redenção, há diferentes interpretações referente à questão do que se espera de Abraão. Até que ponto era esperado que ele estivesse envolvido na vida das tribos e cidades vizinhas? Era esperado que ele falasse com seus vizinhos sobre Deus? Era esperado que ele promovesse justiça e paz em Canaã? Ou era esperado que ele vivesse relativamente isolado dos seus vizinhos?

Wright argumenta que Abraão é comissionado para intermediar as bênçãos de Deus para as nações. Muito do seu argumento é baseado na Tradução da frase “...e você será uma bênção”. Enquanto a maioria das traduções tomam isso como indicando o resultado do propósito da jornada de Abraão para a terra prometida (“para que você seja uma bênção”), Wright prefere tomar isso como uma ordem distinta: “*ser uma bênção*”. Ele mesmo sugere

re que seria completamente adequado tomar Gênesis 12.1-3 como “a Grande Comissão” na Bíblia (p.221).

Eckhard J. Schnabel, em seu livro *Early Christian Mission* (2004), rejeita a sugestão que Abraão foi chamado para intermediar a bênção de Deus para as nações vizinhas.

Ele interpreta Gênesis 12.1-3 como segue:

*A bênção para as nações é uma promessa, não uma ordem. Abraão não recebeu uma tarefa para levar a bênção de Deus para as nações; antes, às nações é prometida a bênção divina, se e, quando elas virem a fé de Abraão em Deus, e se e quando eles estabelecerem contato com seus descendentes.*⁶

Isso é confirmado nos capítulos seguintes do livro de Gênesis. Aqueles que estão bem dispostos em relação a Adão e seus descendentes se saem bem (Melquisedeque, Abimeleque), enquanto aqueles que se opõem a ele ou a seus descendentes são punidos.

A promessa que Abraão e seus descendentes serão uma bênção para as nações é repetida diversas vezes no livro de Gênesis (Gênesis 18.18; 22.18, 26.4; 28.14). Obviamente, isso é um aspecto importante de Deus no plano da redenção para o mundo. Ao mesmo tempo, a ênfase não é sobre o povo de Israel “propagando as bênçãos” para as outras nações, ativamente.

Preferivelmente, a ênfase é que o povo de Deus é chamado para viver na obediência pactual e que isso trará bênçãos não apenas para o próprio povo de Deus, mas também para o mundo inteiro. Afinal, será por meio da gran-

de descendência de Abraão, do Senhor Jesus Cristo, que as nações serão abençoadas.

Uma questão relacionada é: se Abraão foi chamado para “ser uma bênção” para as nações ao seu redor, como Wright sugere, que tipo de chamado supostamente era na prática? Era esperado de Abraão que ele evangelizasse seus vizinhos? Ou esperava-se que ele ajudasse os pobres e lutasse contra a injustiça? O trecho principal para Wright neste sentido é Gênesis 18, o apelo de Abraão para Sodoma, e especialmente as palavras do Senhor no verso 19: “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor e pratiquem a justiça e o juízo; para que o Senhor faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito”. Centrado especialmente na frase “fazer o que é certo e justo” (ou, mais literalmente, “praticar a justiça e o juízo”), Wright alega que o Senhor espera que Abraão “faça justiça e juízo para os oprimidos e contra os opressores”(367). No caso de Sodoma e Gomorra, isso significava que o Senhor queria que Abraão se preocupasse “acerca do sofrimento dos oprimidos na região nas mãos dessas cidades” (367). A fraqueza no argumento de Wright é que o texto não apoia o que ele está tentando provar. O texto diz que era esperado de Abraão que ele ensinasse as crianças e sua família a fazer justiça e juízo. Nenhuma referência a ensinar as nações é feita.

Além disso, a sugestão de Wright de que Abraão estava preocupado com o sofrimento dos oprimidos nas cidades de Sodoma e Gomorra não é baseado na evidência de Gênesis 18 e 19. O mal que é mencionado nesses capítulos não é injustiça social, mas deterioração do

caráter moral e perversão, evidenciadas pelo fato de que os homens da cidade eram viciados em sodomia. No Novo Testamento, vemos que o sobrinho de Abraão, Ló, aparentemente o único homem justo na cidade, estava aflito por causa das “vidas imundas de homens sem lei” em Sodoma (2Peter 2.7).

Em conclusão, a explanação de Wright de Gênesis 12.1-3 ilustra o problema que ele está tentando encontrar, uma visão holística da missão do Antigo Testamento.

A insuficiência das evidências no Antigo Testamento

Uma segunda questão referente ao uso do Antigo Testamento por Wright é que *ele não faz a pergunta se as implicações derivadas do Antigo Testamento são apoiadas por evidências do Novo Testamento*. Por exemplo, quando Wright diz que o Êxodo e o Jubileu são modelos paradigmáticos de alta repetitividade para o modo como Deus deseja atuar no mundo (275, 300), ele falha em considerar a questão se tais declarações são na verdade amparadas pelo Novo Testamento. Quanto ao Jubileu: o Novo Testamento realmente indica que o Jubileu é um modelo paradigmático e consistente para o trabalho missionário no mundo de hoje? Wright teria um difícil tempo para convencer seus leitores de que esse é o caso. No entanto, ele mesmo não levanta a questão.

Algo similar poderia ser dito sobre o Êxodo. Wright declara que *“o restante da Bíblia claramente toma isso como paradigma”* (275), contudo ele não oferece nenhuma prova bíblica para essa afirmação. O mesmo se aplica à declaração feita no parágrafo seguinte:

“A resposta inevitável é que a redenção moldada pelo Êxodo exige uma missão moldada pelo Êxodo” (286, *itálico como no original*).

Em outras palavras: Wright está dizendo que tal como o Êxodo teve dimensões políticas, econômicas, sociais e espirituais, nossa redenção em Cristo também tem dimensões políticas, econômicas, sociais e espirituais. Isso soa forte. Wright diz que isso é *“inevitável”*. Mas, na verdade, o Novo Testamento sustenta essa conclusão? A questão surge no que Wright faz com passagens tais como Colossenses 1.14 e Efésios 1.7 onde a redenção em Cristo é descrita em termos de perdão dos pecados.⁷ Alguém poderia esperar que Wright discutisse tais passagens e então tentasse provar que, embora o apóstolo mencione o perdão dos pecados, o Novo Testamento, na verdade, sustenta uma compreensão mais ampla da redenção. Agora que Wright não o faz, isso reforça a percepção de que o entendimento de missão de *“modelo do Êxodo”* que Wright promove não flui a partir de passagens bíblicas, mas sim do seu próprio desejo de entender missão dessa forma.

Um aspecto chave do livro de Wright é o fato de que ele dá ao Antigo Testamento um lugar de destaque, na construção da teologia bíblica da missão. Isso é louvável como tal. Isso é uma correção positiva para o método que muitos autores seguem (que pode ser resumido como: folhear o Antigo Testamento e passar para o Novo Testamento o mais rápido quanto possível). Ao mesmo tempo, a abordagem seguida por Wright resulta no livro o ter a sensação de uma teologia de missão do *Antigo Testamento, em vez de uma teologia bíblica de missão*. No livro há muitas referências

do Novo Testamento, no entanto, não há uma discussão significativa da missão nos Evangelhos, em Atos ou nas Cartas de Paulo. Seria talvez aceitável se nada mais estivesse em jogo do que o Antigo Testamento receber mais atenção no livro de Wright que a maioria dos outros livros de missão. Contudo, algo mais sério está acontecendo: porque Wright está tão convencido do valor duradouro dos temas do Antigo Testamento como o Êxodo e o Jubileu, que ele não leva em conta que há uma descontinuidade significativa entre a antiga e a nova aliança. De fato, Deus libertou seu povo social e economicamente, libertando-os politicamente da escravidão no Egito e trazendo-os para a sua própria terra. Entretanto, a situação da nova aliança, ao menos no modelo atual, é diferente. Para os crentes cristãos, a redenção significa em primeiro lugar perdão dos pecados, reconciliação com Deus, e ser reunido na igreja, como o corpo de Cristo. E, embora as implicações disso afetem outros aspectos da vida cristã, não segue que os cristãos são sempre libertados politicamente da servidão ou da dificuldade econômica. Alguém poderia argumentar que a vida cristã pode, de certo modo, ser comparada à vida do povo de Deus no Egito. Cristãos são “peregrinos e forasteiros no mundo” (1Pedro 2.11-12).

Escatologia

Isso não é apenas uma distinção entre a Antiga e a Nova Aliança que não é reconhecida de forma suficiente. O mesmo acontece com a diferença entre a era presente e a era futura, quando Deus fará novas todas as coisas. As promessas bíblicas referente ao último julgamento (Apocalipse 20.11-15) e ao novo céu e à nova terra (Apocalipse 21) não recebem a

atenção que merecem. Não existe nesse livro um profundo sentido sobre esse tempo, onde temos somente uma amostra, da plenitude das bênçãos, a qual esperamos na nova terra. É claro que Wright admitirá que não perceberemos ainda a completa obra de redenção no presente momento da história. Contudo, ele também fará conclusões, tais como:

“A restauração da harmonia ecológica está, de fato, dentro das possibilidades da história de uma humanidade redimida” (427).

A sugestão é que podemos ter grandes expectativas sobre a possibilidade de salvação e restauração nessa presente era. Quando Wright alega que a missão deve focar nos aspectos sociais, políticos e ambientais, a impressão que se tem é que, por um pouco, devemos acreditar que Deus está gradualmente construindo e estabelecendo a plenitude do seu reino na terra e que a igreja é chamada para participar desse processo de construção. Eis uma noção popular dos nossos dias, especialmente encontrada na teologia ecumênica-liberal, mas isso não é bíblico.

Visão fraca do pecado e julgamento

Nessa relação, eu preciso acrescentar que o livro do Wright sofre de uma fraqueza na sua visão sobre pecado e julgamento. A verdade de que Deus trará uma terrível vingança sobre os ímpios (Apocalipse 21.8) não desempenha um papel importante na escatologia de Wright. Que pessoas precisam ser resgatadas da ira vindoura (1 Tessalonicenses 1.10) não é peça fundamental do seu trabalho missionário. Existe um lugar chamado inferno e isso nem sequer é mencionado no livro (a menos que eu

tenha perdido; em todo caso, não há referências ao inferno no índice da Escritura do livro).

A mesma fraqueza surge quando Wright descreve os resultados da Queda. Ele não menciona nossa culpa diante de Deus ou nossa necessidade em ser reconciliados com Deus. Em vez disso, ele dá atenção à “bagunça” que vemos ao nosso redor:

“Com nossa rebeldia e desobediência ao Deus Criador, causamos a confusão que hoje vemos ao nosso redor em todos os níveis da nossa vida, dos nossos relacionamentos e do meio ambiente” (55).

Da mesma forma, quando ele descreve salvação, não menciona a reconciliação com Deus. Em vez disso, ele diz:

“Mas Deus tomou a iniciativa de solução ao escolher e criar um povo, Israel, por meio do qual ele pretende abençoar todas as nações da terra e, no fim, renovar toda a criação” (55).

Desconfio que Wright, se perguntássemos a ele, concordaria sobre a questão do perdão dos pecados como um importante aspecto da salvação. Mas esse assunto não recebe ênfase em seu livro. Isso é lamentável. Mudanças na teologia ocorrem frequentemente na forma de acréscimo. Nesse ponto de Wright, a ênfase tem sido transferida de uma reconciliação com Deus para a restauração da criação. Isso não é um bom desenvolvimento.

Ação social e evangelismo

Isso nos leva a outro aspecto importante do livro de Wright: sua visão da relação entre

ação social e evangelismo. Sua posição pode ser resumida em dois pontos. Em primeiro lugar, *tudo* faz parte da missão, seja pregando o evangelho ou ajudando os pobres, cuidando de pacientes aidéticos ou protegendo o meio ambiente. Em segundo lugar, Wright argumenta que é errado dizer que o evangelismo deve ter prioridade sobre a ação social no objetivo da missão da igreja. Ele prefere dizer que o evangelismo tem o ato de aperfeiçoamento *final*.

Citação:

Podemos entrar no círculo da resposta missional em qualquer lugar do círculo da necessidade humana. Mas, no final, em última instância, não devemos ficar satisfeitos enquanto não tivermos incluído, na nossa resposta missional, a totalidade da resposta missional de Deus à situação humana (332).

O que Wright está dizendo aqui é que, não importa por onde começemos, seja com evangelismo ou com ação social, desde que no final, cheguemos ao ponto de falarmos sobre as boas novas de Cristo.

Deve-se notar que isso representa uma mudança no pensamento do movimento de Lausanne. Por muitos anos, a posição dominante era que o evangelismo e ação social eram ambos importantes, mas que o evangelismo era primário na missão da igreja.⁸ Essa também era a posição defendida por John Stott.⁹ Agora Wright promove o que ele chama de “um diferente caminho para o pensamento sobre missão” (317): Devemos compreender a missão de forma holística, e todos os aspectos são igualmente importantes, seja ação social, evangelismo ou ação para o meio ambiente.

Refletindo sobre isso, lembro-me das palavras de John Stott:

Os cristãos devem sentir uma dor aguda na consciência e compaixão quando os seres humanos são oprimidos ou negligenciados de alguma maneira... mas é algo tão nocivo para a dignidade humana, como a alienação de Deus por meio da ignorância ou rejeição do evangelho? E como podemos seriamente sustentar que a libertação política e econômica é tão importante como a salvação eterna? [10]

A preocupação principal do apóstolo Paulo sobre o seu próprio povo, os judeus, não era porque eles estavam sob opressão política, mas porque eles estavam separados de Cristo (Romanos 9.1-3). Seu principal desejo para eles não era que eles reconquistassem a independência política, mas que eles pudessem ser reconciliados com Deus e salvos por Ele (Romanos 10.1). Paulo compreendeu seu próprio mandato como sendo um “ministério de reconciliação, que Deus reconciliava o mundo consigo mesmo em Cristo, sem contar os pecados dos homens contra eles” (2 Coríntios 5.18-19).

É uma verdadeira fraqueza no livro do Wright que ele não lide com essas passagens nas cartas de Paulo, e que ele também ignore outras passagens do Novo Testamento que descrevem o caráter da função missional, tal como as palavras do Senhor aos apóstolos (Atos 1.7-8) ou as palavras de Paulo a Timóteo (2 Timóteo 4.1-5). Wright parece estar muito preocupado com que as pessoas sejam muito limitadas em seu entendimento sobre a função missionária da igreja (como em: focando apenas na salvação do indivíduo). Infeliz-

mente, seu próprio entendimento da função missionária é mais amplo, e inevitavelmente levará a uma confusão a respeito das prioridades. Evangelismo e plantação de igreja serão substituídos por atividades como, cavar poços de água na África e ajudar os refugiados a se estabelecerem na América do Norte. Não há nada de errado em tais atividades! Mas, se elas tomam o lugar do evangelismo e da plantação de igrejas na visão do trabalho missionário, algo está seriamente errado.

Conclusão

Na conclusão, *A Missão de Deus* de Wright é um livro interessante e provocante com boas seções sobre o monoteísmo bíblico, a singularidade de Cristo e outros assuntos importantes. A excelente característica do livro é a tentativa de fazer o Antigo Testamento relevante no desenvolvimento de uma teologia bíblica de missão. Infelizmente, o livro sofre de uma forte inclinação em usar aspectos do Antigo Testamento a fim de promover uma visão integral de missão na qual ação social e evangelismo são vistos como igualmente importantes. O próprio livro ilustra que os aspectos centrais da missão como a pregação do evangelho para perdão dos pecados são colocados em segundo plano, para dar espaço à política de ação social, cuidados médicos e proteção do meio ambiente. O livro também padece de uma fraca escatologia: o que a Bíblia apresenta como pertencente à época futura (após o retorno de Cristo) é trazido para a presente era.

Se esse livro propõe definir o entendimento do labor missionário da próxima geração dos trabalhadores da missão no mundo evangélico, receio que veremos bem menos a pregação do evangelho. Pode não ser o intuito de Wright, mas seu livro abre a porta para

o ativismo sociopolítico, com o propósito de receber mais atenção do que a pregação do evangelho e a plantação de igreja.

Há uma expressão conhecida nos círculos missionários que é atribuída ao Bispo Stephen Neill: “Se tudo é missão, nada é missão”. Wright detesta esse gracejo e refere-se a isso como “um velho golpe baixo.”¹¹ Se ao menos ele tivesse considerado isso com mais seriedade, perceberia o perigo para onde isso aponta.

Tradução: Alaíde Monteiro

¹ A propósito, ambos os Wright falaram em uma conferência sobre “Uma leitura Missional das Escrituras”, organizada pelo Calvin Theological Seminary em Novembro de 2013.

² Christopher J.H. Wright *The Mission of God: Unlocking the Bible’s Grand Narrative*. IVP, 2006.

³ Workshop at The Gospel Coalition, Orlando, April 7, 2013 by Dr. Gary Millar, entitled: “A Biblical Theology of Mission: An Evaluation of Chris Wright”

⁴ Kevin DeYoung and Greg Gilbert, *What Is the Mission of the Church? Making sense of social justice, shalom, and the Great Commission*. Crossway, 2011.

⁵ John R. W. Stott, *Christian mission in the modern world*. (London: Falcon, 1975), 29.

⁶ Eckhard J. Schnabel, *Early Christian Mission, Volume 1* (IVP, 2004), 63.

⁷ Por este ponto, sou grato a Bobby Jamieson uma excelente revisão do livro subsequente de Wright, *The Mission of God People* at www.9marks.org.

⁸ Lausanne Covenant, 1974, paragraph 6 *The Church and Evangelism*.

⁹ Veja John Stott, *Christian mission in the modern world* (Falcon, 1975), 35-36.

¹⁰ John Stott, *Christian mission*, 35

¹¹ Wright, *The Mission of God People*. (Zondervan, 2010), 25-26.

A EVANGELIZAÇÃO SEGUNDO AS ESCRITURAS

Arjan De Visser

A evangelização é um assunto que gera uma variedade de opiniões entre os crentes reformados. De um lado, há muitos que são apaixonados pela evangelização. Eles são frequentemente desapontados, às vezes até frustrados, porque percebem que as igrejas reformadas são muito introspectivas e passivas demais para cumprir seu papel evangelístico. Do outro lado, há muitos que estão relutantes em evangelização. Eles temem que uma ênfase na evangelização fará com que a igreja se torne mais “evangélica” e menos reformada. Eles apontam para igrejas que são ativas na evangelização, mas arminianas na teologia.

Não há dúvida de que os dois lados têm uma boa vontade e têm pontos válidos a serem observados. É verdade que as igrejas reformadas em geral não têm um forte histórico em termos de evangelização. Por outro lado, também é verdade que há muita atividade de evangelização que não reflete a plena verdade do Evangelho. Há razão para ser cauteloso.

Em minha opinião, as igrejas reformadas podem ser mais eficazes e fiéis em seu ministério evangelístico sem sacrificarem qualquer coisa em termos da identidade reformada. Tenho certeza de que investir mais tempo e esforço no ministério evangelístico fortalecerá a igreja, desde que isso seja feito de maneira bíblica.

Em uma série de três tópicos eu gostaria de propor algumas sugestões com relação ao ministério de evangelização:

1. A sua base bíblica;
2. A abordagem à evangelização que herdamos da tradição reformada;
3. A prática de evangelização.

A Evangelização no Antigo Testamento

Para termos uma perspectiva bíblica sobre a evangelização, temos que começar no Antigo Testamento. É importante reconhecer que o povo de Israel foi separado pelo Senhor para ser um povo santo e, ao mesmo tempo, ser uma luz e uma bênção para as nações ao seu redor.

Uma passagem fundamental é Gênesis 12.1-3, que nos fala sobre o chamado de Abraão. O Senhor o chamou para deixar seu país, seu povo e a casa do seu pai e ir para a terra que o Senhor lhe mostraria. O Senhor prometeu a Abraão que Ele o faria uma grande nação, que Ele o abençoaria e que Abraão seria uma bênção. A promessa termina com estas palavras: *“em ti serão benditas todas as famílias da terra”* (Gn 12.3). Sabemos que essa bênção seria finalmente cumprida na vinda do Messias. Nele as nações seriam abençoadas. Este é um tema que é encontrado em todo o Antigo Testamento: a expectativa do Messias que viria para restaurar o povo de Deus e a quem as nações viriam para receber a salvação e uma abundância de bênçãos.

Mas o cumprimento desta promessa não se restringiu à obra do Messias. O próprio Israel foi destinado e chamado para ser uma bênção para as nações. Israel foi chamado para ser um reino de sacerdotes, uma nação santa (Êx 19.6), separado para o Senhor e ao mesmo tempo chamado para proclamar a glória de Deus às nações ao redor deles. Ao longo do Antigo Testamento, lemos sobre o desejo de que outras nações reconhecessem que o Deus de Israel é o único Deus verdadeiro, bom e misericordioso. Nós lemos sobre a jovem israelita que foi levada cativa para a Síria e que disse a sua senhora que havia um homem de Deus em Samaria. Nós lemos como isso levou o poderoso comandante Naamã a ir a Israel e eventualmente confessar *“que em toda a terra não há Deus, senão em Israel”* (2 Rs 5.15).

O desejo de que as nações se unam ao povo de Deus em adoração a Ele é refletido claramente nos Salmos. O Salmo 67 começa

com uma oração para que Deus seja gracioso ao seu povo, abençoe-o e faça com que seu rosto resplandeça sobre ele, *“para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação”* (Sl 67.2). Nestas palavras, a bênção sacerdotal de Números 6 é citada (*“O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti”*). O desejo é que as nações da terra compartilhem desta bênção: *“Alegrem-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações”* (Sl 67.4).

Mais passagens do Antigo Testamento poderiam ser citadas, mas vemos um padrão emergente: Em primeiro lugar, Israel é o povo especial de Deus, sua nação escolhida. Ele habita entre eles e eles experimentam suas bênçãos. Em segundo lugar, Israel pretende ser uma bênção para as nações ao seu redor. O povo de Deus (deveria) ter um desejo intenso de que as nações pudessem ver que a vida na Aliança é boa, e que haverá um futuro durante o qual as nações virão e se unirão ao povo de Deus para declarar os louvores de Deus.

A evangelização no Novo Testamento

O Novo Testamento revela que as profecias da antiga aliança foram cumpridas em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele realizou tudo o que o Salvador foi chamado a fazer: adquirir para o povo de Deus o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus. Essas bênçãos não estão restritas ao povo de Israel. Antes de ascender ao céu, o Senhor Jesus deu aos seus discípulos a grande comissão: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações”* (Mt 28.19).

Os apóstolos saíram e proclamaram o Evangelho de Jesus Cristo que foi crucificado

e ressuscitou dos mortos. A partir de Jerusalém, eles se mudaram para a Judéia e Samaria e outras áreas, chamando a todos para que se arrependessem e tivessem fé no Senhor Jesus Cristo. Pessoas de diferentes origens culturais e nacionais foram incorporadas à igreja de Cristo: judeus e samaritanos, gregos e romanos, negros e brancos. O povo de Deus é recrutado de todas as nações do mundo.

A nova aliança difere da antiga em muitas maneiras. Mas algumas coisas não mudaram nada. Os crentes ainda são estrangeiros no mundo. Eles ainda são chamados do mundo para ser uma nação santa, mas são chamados a viver no mundo como uma bênção e uma luz para as pessoas ao seu redor. O chamado original de Abraão ainda se aplica hoje!

Entre as passagens que destacam esse aspecto, Mateus 5.13-16 é bem conhecido: “*Vós sois a luz do mundo.*” Os seguidores de Cristo são chamados a deixar sua luz brilhar diante dos homens, “*para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.*” Uma passagem semelhante é Filipenses 2.14-16, onde o apóstolo Paulo exorta os crentes a resplandecerem como luzeiros no mundo, dentre uma geração pervertida e corrupta.

A primeira epístola de Pedro também fala eloquentemente sobre o chamado dos cristãos para ser uma luz para as pessoas ao redor. O apóstolo fala aos cristãos como forasteiros no mundo (1 Pe 1.1) que foram escolhidos e chamados para fora do mundo (1 Pe 1.2). Ao mesmo tempo, ele enfatiza seu chamado no mundo: “*Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade ex-*

clusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2.9). Pedro enfatiza tanto o aspecto ‘ser separado’ como o aspecto ‘ser uma bênção’ da vida cristã.

1 Pedro 2.11-12 reflete a mesma abordagem: “*Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma, mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação.*”

Tem sido sugerido por alguns que os cristãos devem ser testemunhas apenas pelo seu estilo de vida (não por evangelizar verbalmente os outros). Em 1 Pedro, não existe realmente tal dilema. O estilo cristão da vida é claramente importante: esposas cristãs são chamadas a conquistar seus maridos incrédulos por seu comportamento piedoso (1 Pe 3.1). Ao mesmo tempo, o apóstolo exorta os cristãos a falar quando há oportunidades. Pedro diz: “*Santificação a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós*” (1 Pe 3.15).

Podemos concluir que um quadro consistente emerge tanto do Antigo como do Novo Testamento: o povo de Deus é um povo escolhido, chamado para fora do mundo, chamado a viver uma vida santa que (pela graça de Deus) será fundamental para a vida, conquistando os outros para se arrepender e se juntar ao povo de Deus. Enquanto os cristãos são cidadãos de outro reino, eles são chamados

a ser uma bênção para os outros neste mundo, para que muito mais pessoas encontrem a salvação no Senhor Jesus Cristo.

Abordagem equilibrada

Uma abordagem equilibrada é necessária. A igreja é chamada para fora do mundo, mas a ela também é chamada para deixar a sua luz brilhar no mundo. Às vezes, o aspecto da “separação do mundo” é enfatizado tão fortemente que a igreja vive isolada da sociedade mais ampla. A rede social dos crentes é limitada à rede da igreja. Ter contatos com pessoas não-religiosas é desaprovado e considerado perigoso.

Isto não é o que a Bíblia nos ensina. O apóstolo Paulo presume que os crentes têm todos os tipos de contatos com pessoas de fora. Ele não exorta os crentes a evitar o contato com os incrédulos. Ele simplesmente presume que eles têm tais contatos e os encoraja: “*Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades*” (Cl 4.5).

Às vezes, no entanto, o chamado missionário da igreja é super enfatizado na medida em que a igreja é vista primariamente como “igreja-para-outros.” Sugere-se que a principal razão da igreja para existir é ser uma missão para o mundo. O problema com esta abordagem é que se esquece que a igreja é chamada a viver uma vida santa, separada do mundo. A igreja não é apenas um grupo de pessoas que precisa aumentar em número - ela também precisa ser *preservada*. O apóstolo Pedro disse no dia de Pentecostes: “*Salvai-vos desta geração perversa!*” (At 2.40).

À luz dessas considerações, podemos concluir que a evangelização é um dos ministérios que o Senhor deu à sua igreja. Cada parte desta declaração é importante: a evangelização é um ministério dado pelo Senhor (portanto, não podemos negligenciá-la). É um ministério dado à igreja (portanto toda a igreja é responsável). E é *um dos ministérios* que o Senhor deu à igreja (não o único). A igreja recebeu uma variedade de ministérios do Senhor: a pregação, o ensino, a adoração, a supervisão pastoral, a ajuda diaconal, e a disseminação do Evangelho no mundo (a missão e a evangelização).

Não há dúvida, então, de que a evangelização é um importante chamado da igreja. Toda congregação local deve se examinar se é fiel neste chamado. E as igrejas reformadas do Brasil² deveriam se examinar se - como uma confederação - somos diligentes e fiéis na proclamação do Evangelho aos nossos concidadãos neste país.

No próximo artigo, espero dizer mais sobre a abordagem à evangelização que herdamos das gerações anteriores.

Segundo tópico

No tópico anterior, examinamos a evangelização de uma perspectiva bíblica. Neste artigo, examinamos a abordagem à evangelização que herdamos na tradição reformada canadense. Estamos procurando respostas para perguntas como: Qual a importância do evangelismo na história de nossas igrejas? Quais métodos e abordagens foram usados? A evangelização tem sido visto como a tarefa dos oficiais ou, antes, o chamado de membros

comuns da igreja? A evangelização tem sido um ministério que foi discutido nas assembleias eclesiais, ou foi deixado para a iniciativa das igrejas locais?

O Novo Testamento nos revela que tanto “crentes ordinários” quanto “oficiais da igreja” participaram do ministério de evangelização. Em Atos 11 lemos que os cristãos de Chipre e Cirene foram para a cidade de Antioquia e “falavam também aos gregos, anunciando-lhes o Evangelho do Senhor Jesus” (v.20). Aqui temos um exemplo de crentes comuns evangelizando os outros. O Senhor abençoou seus esforços. Ao mesmo tempo, notamos que Barnabé e Saulo logo se envolveram no trabalho, ensinando o Evangelho em Antioquia por um ano inteiro (v.26). É um belo exemplo de crentes comuns e oficiais que trabalham juntos no ministério da difusão do Evangelho.

Igreja Cristã Primitiva

Na igreja cristã primitiva, a mesma abordagem foi usada. Os crentes comuns usariam suas conexões sociais, viveriam uma vida cristã entre os incrédulos, usariam oportunidades para falar sobre o Evangelho e levar amigos e parentes à igreja. Quando as pessoas comessem a ir à igreja e mostrassem interesse genuíno, elas entrariam em um programa de instrução destinado a leva-las à fé.

O pai da igreja, Agostinho, escreveu um curso de evangelização intitulado “Sobre a instrução de recém-chegados” (título em latim: *De Catechizandis Rudibus*). A partir deste livro e de outras fontes, sabemos que os recém-chegados à fé passariam por um processo de iniciação que consistia em três etapas. Primeiro,

eles seriam considerados “*inquiridores*.” Se o interesse deles fosse sério, eles se tornariam “catecúmenos” e receberiam instruções completas sobre a fé cristã durante um considerável período de tempo. Esta instrução era dada por oficiais (presbíteros, diáconos, bispos). Finalmente, se ficasse claro que eles tinham realmente chegado à fé, eles se tornariam “*competentes*” - o que significava que eles estariam prontos para serem batizados.

Durante todo esse processo, esperava-se que os recém-chegados frequentassem os cultos da igreja. É interessante ler os sermões de Agostinho e notar que ele frequentemente tinha uma palavra de pedido ou exortação para os catecúmenos que estavam presentes na congregação.

Uma das lições que aprendemos da igreja cristã primitiva é que a iniciação de recém-chegados era um *ministério congregacional*. Tanto os membros ordinários quanto os oficiais estavam envolvidos no processo. Outra lição que aprendemos é que a igreja primitiva não teve medo de levar os recém-chegados através de um programa de instrução completa.

A Reforma

Durante a Idade Média, a igreja cristã perdeu muito de sua força. A Reforma do Século XVI foi, entre outras coisas, uma tentativa de re-evangelizar a Europa Ocidental. Naquela época, a maioria das pessoas na Europa Ocidental foi batizada, mas isso não significava muita coisa. Muitas pessoas não passavam de “pagãos batizados” - elas haviam sido batizadas na Igreja Católica Romana, mas viviam como pagãos.

Nesta perspectiva, é interessante notar que o Regimento de Dort (1618-19) estipulou que os presbíteros deveriam “*consolar e instruir os membros da congregação e também exortar os outros com respeito à religião cristã.*” Claramente, os presbíteros foram delegados a servir como pastores do rebanho de Cristo, mas também era esperado que eles exortassem as pessoas da sociedade em geral a se arrependem e virem à fé. Algo semelhante foi declarado em relação ao mandato dos ministros. A Forma de Ordenação dizia (e ainda diz) que o ministro “*ensinará a Palavra de Deus aos jovens da Igreja e aos outros a quem Deus chama.*”

A impressão que obtemos desses documentos é que a Igreja Reformada antiga seguiu a mesma abordagem que observamos na igreja cristã primitiva: os membros da Igreja levam amigos e parentes à igreja; oficiais instruem os recém-chegados na fé cristã, e os presbíteros e ministros devem falar também aos sem-igreja, apelando para que se reconciliem com Deus.

As Igrejas da Secessão³

O ministério da evangelização passou por bons e maus momentos. Quando as igrejas estavam em declínio, a evangelização também estava em declínio. Em outras ocasiões, quando havia reforma, a atividade da evangelização também seria consequentemente reformada.

Um belo exemplo de zelo evangelístico emerge da história das igrejas reformadas da Secessão [na Holanda] do século XIX. As igrejas da Secessão viram uma necessidade urgente de re-evangelizar a nação holandesa.

O assunto foi discutido em conselhos locais, em nível do *classis*⁴ e até em sínodos regionais e nacionais. Escolas dominicais foram iniciadas, panfletos evangelísticos foram distribuídos, evangelistas foram nomeados e ministros assumiram um papel ativo no evangelismo.

Um nome famoso a esse respeito é o Dr. Lucas Lindeboom⁵. Antes de se tornar professor no seminário teológico de Kampen, ele serviu duas congregações. Nos dois casos, ele foi muito ativo na evangelização. Num sábado à tarde, ele seria encontrado no centro da cidade, distribuindo Bíblias e panfletos e falando aos habitantes da cidade sobre o evangelho da salvação. Dr. Lindeboom também assumiu um papel de liderança em algumas das organizações de evangelização formadas naqueles anos.

O quadro que emerge das igrejas reformadas do século XIX na Holanda é semelhante ao que observamos na igreja cristã primitiva: a evangelização era uma prioridade e era considerada um ministério congregacional no qual tanto os oficiais quanto os membros comuns participavam.

Durante o século XX, as Igrejas Reformadas na Holanda perderam muito do seu zelo evangelístico. A explicação para esse desenvolvimento é complexa, mas uma das razões foi que o ministério do evangelismo se tornou uma vítima da distinção teológica entre “igreja como organismo” e “igreja como instituição.” A seguinte pergunta foi feita: a evangelização é o mandato dos crentes comuns (igreja como organismo) ou é o mandato dos oficiais (igreja como instituição)? Alguns defenderam a visão de que a proclamação do Evangelho é um

dever “oficial” e que, portanto, os ministros devem assumir a responsabilidade pela evangelização. Outros defendiam a visão de que os ministros deveriam trabalhar estritamente dentro da igreja e que os crentes comuns deveriam fazer a evangelização. Foi uma discussão sem uma solução clara porque representava um dilema errado.

A Tradição “Libertada”⁶

Na história recente das Igrejas Reformadas do Canadá, o Rev. Gijsbertus VanDooren fez muito para demolir dilemas errados em relação à evangelização. O título do seu livro sobre a evangelização é eloquente: *Fuja! Livre-se dos dilemas*.

O ponto de vista do Rev. VanDooren era que a evangelização é um ministério congregacional e que tanto os oficiais quanto os membros da igreja têm um papel a desempenhar. Com base nesse princípio, ele sugeriu que os membros da igreja deveriam agir como soldados no frente, e os oficiais como instrutores. Em outras palavras, os membros da igreja devem evangelizar pessoas de fora e os oficiais devem dar instruções sobre como fazê-lo.

Os esforços do Rev. VanDooren para promover a evangelização entre as Igrejas Reformadas Canadenses devem ser apreciados. Sua ênfase na responsabilidade dos “crentes comuns” na evangelização era necessária na época. No entanto, estou menos entusiasmado com o uso do termo “instrutor” para descrever o papel dos oficiais. Na visão de VanDooren, os oficiais não devem estar ativamente envolvidos na atividade evangelística - pelo menos, não como “oficiais.” Um ministro pode

falar com seu vizinho incrédulo durante seu “tempo livre,” mas ele o fará como um crente, não como um ministro. Um ministro pode instruir os membros da igreja sobre como fazer grupos de estudo da Bíblia, mas ele não deve conduzir tal grupo - afinal, ele é apenas um instrutor.

Acredito que, nessa abordagem, ministros e presbíteros estão longe demais da prática da evangelização. Se sempre mantivermos nossos oficiais longe da ação de evangelização, não devemos nos surpreender que os membros comuns (soldados no frente) percam a coragem e a direção.

É interessante notar que, em 1984, o Sínodo de Cloverdale [das Igrejas Reformadas Canadenses] adotou uma versão revisada do Regimento [de Dort] no qual o foco do mandato dos presbíteros foi reduzido para concentrar exclusivamente ao trabalho dentro da congregação. A frase na versão original de que os presbíteros deveriam “exortar os outros com respeito à fé cristã” foi eliminada do mandato. Em minha opinião, isso mostra que as Igrejas Reformadas Canadenses se tornaram mais introvertidas do que as igrejas da Reforma e da Secessão.

Avaliação

O tempo passou e precisamos perguntar se o modelo de “instrutores e soldados no frente” funcionou para as Igrejas Reformadas Canadenses? Eu não acredito que tenha. Eu nem tenho certeza se as Igrejas Reformadas Canadenses realmente tentaram implementá-lo. Na verdade eu não vejo nossos ministros dando instruções aos membros da igreja so-

bre bons métodos de evangelismo, e então os membros saem para praticá-lo. De certa forma isso é compreensível, pois como os ministros poderiam dar instruções sobre como evangelizar quando eles mesmos não possuem experiência em fazê-lo?

A abordagem mais comum é que o conselho de uma congregação nomeia um Comitê de Evangelização (CE). Esta comissão é encarregada de apresentar ideias sobre como fazer a evangelização. Às vezes, até mais é esperado. Eu tenho visto um exemplo de um mandato de um CE local que estipula que a comissão deve “*estimular, equipar e organizar a congregação para atividades de evangelização.*” Observe o texto! Enquanto VanDooren sugeriu que os oficiais deveriam fazer o equipamento, agora esperamos que os membros da CE o façam. Essa é uma tarefa difícil. A congregação geralmente não leva nada a sério a menos que os oficiais desempenhem um papel de liderança. Estamos esperando muito de nossos comitês de evangelização!

Qual é a solução? Em minha opinião, o termo “instrutor” para o papel dos ministros e presbíteros deve ser abandonado. Isso cria muita distância entre os oficiais e a prática da evangelização. Devemos também dar outra olhada à prática de deixar o ministério evangelístico para o Comitê. Os oficiais devem estar mais ativamente envolvidos.

Em vez de marginalizar nossos ministros e presbíteros como “instrutores,” devemos preferir usá-los como “jogadores-treinadores.” O ministro deveria participar da ação. Em outras palavras, o ministro deve ser visivelmente ativo na evangelização - tanto quanto as restrições de tempo permitirem.

Será saudável para todo ministro ter alguns contatos evangelísticos fora da congregação. Isso não apenas o impedirá de desenvolver uma visão míope da vida, mas também dará a seus sermões e orações um sabor evangelístico que terá um efeito formativo sobre a congregação como um todo. O mesmo se aplica aos presbíteros. Por definição, são homens que exigem respeito. Seria ótimo se nossos presbíteros tivessem a reputação de que não têm medo de usar os contatos que têm na sociedade em geral para “exortar os outros à fé cristã.”

Ao dizer isso, eu não estou sugerindo que a responsabilidade pela evangelização deva ser devolvida inteiramente aos oficiais. A evangelização é um ministério congregacional, como vimos. Tanto os oficiais como os membros comuns devem estar envolvidos nela. Espero dizer mais sobre a prática da evangelização no próximo tópico.

Terceiro tópico

Nos tópicos anteriores, analisamos a evangelização de uma perspectiva bíblica e histórica. Neste, eu gostaria de oferecer algumas sugestões para a prática da evangelização.

Precisamos começar com algo que pode parecer óbvio, mas é facilmente esquecido: uma congregação só pode ser “bem-sucedida” na evangelização se realmente acredita no que professa crer. Se não acreditarmos seriamente que os incrédulos estão sob a ira de Deus e que nós mesmos fomos salvos do julgamento eterno pela morte de Cristo, não nos sentiremos motivados a proclamar o Evangelho da salvação para os outros.

Relacionado a isto, uma congregação terá dificuldade experimentar sucesso na evangelização se não for uma congregação viva. Uma igreja que abandonou seu primeiro amor como a igreja em Éfeso (Ap 2.4) ou uma igreja que se tornou morna como a igreja em Laodicéia (Ap 3.16) lutará para atrair pessoas de fora. No entanto, se os crentes são fortes em sua fé, a congregação pode ganhar o respeito dos de fora (1 Ts 4.12), e alguns desses estranhos podem perceber sua posição diante de Deus e buscar a salvação.

As pessoas que estão pensando em se tornar cristãos olham para os cristãos para ver se eles são sérios e sinceros no que estão fazendo. Imagine um descrente visitando um culto solene da sua congregação. Se tal visitante não sente carinho e entusiasmo verdadeiros, por que ele levaria a fé cristã a sério? Ele simplesmente concluirá que os cristãos não acreditam no que estão fazendo. Por outro lado, se o Evangelho for pregado de forma eficaz e houver compromisso, carinho e amor entre os crentes, o visitante pode ficar impressionado e levado a concluir: “*Deus está verdadeiramente entre vós!*” (1 Co 14.25).

Coisas semelhantes podem ser ditas sobre a reputação que uma congregação tem na comunidade em geral. Se os membros da igreja são conhecidos por serem pessoas honestas e confiáveis que vivem vidas respeitáveis, isso servirá para apoiar os esforços evangelísticos. Mas se alguns membros da igreja são conhecidos por serem homens de negócios corruptos ou mulherengos ou bêbados, isso prejudicará seriamente qualquer projeto evangelístico (a menos que se saiba que a disciplina é exercida nesses casos).

Resumindo: É difícil para um descrente encontrar nova vida em uma igreja espiritualmente morta. Para que as pessoas cheguem à fé e sejam nascidas de novo, é importante que elas tenham a oportunidade de estar entre os cristãos que são fortes na fé e vivem suas vidas com integridade. Este é o principal fator que determina se uma igreja é ou não “bem-sucedida” na evangelização. Se uma igreja falha em atrair os outros para ela, o problema geralmente não é que não há recursos ou força humana, mas sim que o primeiro amor enfraqueceu.

Compromisso de Toda a Congregação

Além disso, é importante que toda a congregação (não apenas alguns indivíduos) compartilhe o desejo de que os incrédulos sejam salvos e se unam à congregação. Tal desejo só será encontrado entre os crentes que compreendem o princípio da *sola gratia*, que percebem que foram salvos somente pela graça de Deus. Todos na congregação devem desejar que Deus receba glória e honra por meio da adição de mais pessoas ao número daqueles que são salvos.

Quanto mais vivermos nessa fé, mais fácil será usar as oportunidades e falar com os descrentes. O melhor método de espalhar o Evangelho é usar contatos pessoais. Uma pesquisa mostrou que, para cerca de 70% dos convertidos ao cristianismo, o fator mais importante no processo de sua chegada à fé foi um relacionamento com um amigo, parente, colega, ou vizinho cristão.

Idealmente, os membros da congregação usariam seus contatos na sociedade em

geral para falar sobre o Evangelho e convidar as pessoas a irem à igreja. A congregação deve então estar pronta e preparada para receber carinhosamente essas pessoas. Deve haver programas para instruir os recém-chegados à fé. É importante, no entanto, que tais programas não ocupem um lugar isolado em algum lugar à margem da vida da igreja, mas sejam levados pelo apoio e pelas orações de toda a congregação.

Sabor Missionário

Em terceiro lugar, é importante que as atividades da igreja sejam caracterizadas por um *sabor missionário*. Se nosso *esforço* missionário for restrito a uma escola bíblica de férias (EBF) por ano, não devemos nos surpreender se nos esforçarmos para atrair pessoas sem igreja. Uma EBF pode ser uma ferramenta evangelística maravilhosa, mas se for uma atividade isolada que não esteja integrada na vida congregacional, sua eficácia será seriamente prejudicada.

É necessário um sabor missionário para caracterizar as atividades regulares da igreja. No culto solene, enquanto o ministro dirige seu sermão para a congregação do Senhor em primeiro lugar, ele deve estar ciente de que há visitantes na igreja. Isso dará ao seu sermão um sabor missionário.

O mesmo se aplica às atividades congregacionais, com as reuniões de estudo bíblico. Pode ser um desafio para um grupo se houver alguns convidados presentes que desejam saber mais sobre o Evangelho. Claro que você não quer convidar inimigos do Evangelho. Mas se você tem um amigo ou colega que

quer saber mais sobre o Evangelho, por que não levá-lo ao estudo bíblico regular? Você pode descobrir que a presença de tal convidado acrescenta uma dimensão nova e excitante à reunião de estudo da Bíblia.

Durante meu tempo como missionário na África do Sul, eu frequentemente ensinei em grupos mistos de estudantes do catecismo. Eu encorajava os jovens da congregação missionária a levarem amigos para a aula de catecismo. A única condição era que esses amigos tivessem dispostos a funcionar de maneira positiva e fazer o dever de casa, incluindo a memorização de partes do Catecismo. Posso testificar que o Senhor abençoou essa abordagem e que, ao longo dos anos, muitos jovens chegaram à fé por esse caminho.

Os oficiais

No tópico anterior, fiz algumas observações críticas sobre a expectativa dentro da tradição reformada do Canadá de que ministros e presbíteros trabalhassem estritamente dentro da congregação. É lamentável que os ministros da tradição reformada canadense tenham sido desencorajados em desenvolver contatos com pessoas de fora da igreja. Estaria mais de acordo com a tradição da igreja primitiva, a Reforma e a Secessão, se encorajássemos os oficiais a fazer o que as velhas formas eclesíásticas estipulavam: “...*também exortar os outros à fé cristã.*”

Como isso é posto em prática pode variar de lugar para lugar. O tamanho da congregação e a carga de trabalho do ministro vão influenciar isso. De um modo geral, seria bom que os conselhos esperassem que seus minis-

tros dedicassem parte do seu tempo à atividade evangelística. Um conselho poderia dizer ao ministro, por exemplo, que de cada dez visitas domiciliares, ele deveria fazer duas ou três visitas aos incrédulos e relatar sobre elas nas reuniões regulares. O ministro também deve ser geralmente aquele que ensina o grupo de novos membros. Como disse no tópico anterior, o ministro e os presbíteros devem apoiar visivelmente as atividades evangelísticas. Desta forma, a congregação entenderá que a evangelização é um ministério importante.

Plantação de Igrejas

Até agora, tenho discutido a evangelização a partir da perspectiva de uma congregação local. Mas às vezes não há uma congregação local onde novos crentes possam participar. É importante, portanto, que também consideremos a *plantação de igrejas*.

As Igrejas Reformadas Canadenses foram abençoadas pelo crescimento contínuo nos últimos cinquenta anos. Em média, uma nova igreja foi instituída por ano. Isto é ótimo e reconhecemos a bênção do Senhor nisso. Ao mesmo tempo, sabemos que a maior parte do crescimento veio de dentro. Quando uma congregação ultrapassava o prédio da igreja, a congregação se dividia em duas e uma nova congregação se formava a certa distância (geralmente não muito longe).

Embora não haja nada de errado com essa forma de crescimento, sugiro que as Igrejas Reformadas Canadenses possam adotar uma abordagem mais ousada e considerem o envio de missionários ou evangelistas para plantar igrejas em novas áreas. Por que não plantar

igrejas em locais como Saskatoon, Regina, e Kitchener-Waterloo⁷? As áreas urbanas de rápido crescimento geralmente são bons lugares para começar uma nova igreja. Outros grupos que podem ser considerados são comunidades de imigrantes (muçulmanos, hindus).

No tópico anterior, mencionei que as igrejas da Secessão na Holanda (Século XIX) discutiam a evangelização em todos os níveis da vida da igreja, incluindo as assembleias maiores⁸. Nós podemos aprender com isso. Seria maravilhoso se a evangelização fosse um item regular na agenda das reuniões dos classis⁹.

Deixe-me terminar com uma sugestão muito prática: existem oito classes na federação das Igrejas Reformadas Canadenses. Deve ser possível que cada classis inicie e apoie pelo menos uma nova igreja no Canadá. Se todas os classis fizessem isso, teríamos oito igrejas iniciadas em alguns anos. Isso é impossível? Acho que não. Nós temos as estruturas e as finanças. Provavelmente, teremos homens que podem ser enviados para fazer isso. Precisamos, no entanto, da visão e desejo de iniciar isso.

“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho único para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Que amemos tanto a Deus e amemos ao próximo que usemos nossas oportunidades e recursos para espalhar o Evangelho da salvação aqui na América do Norte. E que possamos ser ousados e criativos em encontrar maneiras eficazes de fazer isso.

Notas:

¹ O estudo que apresentamos agora é composto por três artigos, originalmente, escritos para a revista Clarion das Canadian Reformed Churches.

² No texto original o autor se referiu a Canadian Reformed Churches.

³ No Século XIX as Igrejas Reformadas na Holanda foram assaltadas pelo liberalismo teológico. Como consequência disto ocorreram dois grandes movimentos de separação dentro dessas igrejas holandesas. O primeiro foi a Secessão de 1834. Desse movimento surgiu a “Christelijke Gereformeerde Kerk” (CGK). O principal líder da Secessão foi o Rev. Hendrik de Cock. O segundo movimento foi, em 1886, a Doleantie. Podemos dizer que foi uma Segunda Secessão. Dele surgiram as “Nederduits Gereformeerde Kerken” (NGK). O Dr. Abram Kuiper foi o principal líder da Doleantie. Em 1892 as CGK e NGK se uniram em uma só confederação de igrejas reformadas, as “Gereformeerde Kerken in Nederland” (GKN).

⁴ A palavra “classis” (plural de classes) vem do latim e indica uma divisão ou classe de pessoas ou de outros objetos. No governo eclesiástico reformado continental essa palavra foi escolhida para designar uma das assembleias maiores. O “classis” é a assembleia maior equivalente aos antigos concílios regionais das IRB ou aos concílios particulares de igrejas reformadas na Holanda.

⁵ Lucas Lindeboom nasceu em 17 de janeiro de 1845 em Frankhuis (significa Zwollerkerspel) em uma simples família de padeiros com dez filhos que pertenciam as igrejas da Secessão. Lindeboom foi estudar na Escola Teológica de Kampen em 1862 e foi confirmado como ministro na Igreja Cristã Reformada em Den Bosch, quatro anos depois. Depois de uma vida comprometida e militante em favor das igrejas reformadas, o Rev. Lindeboom morre em 1933.

⁶ O adjetivo “libertada” se refere a tradição praticada pelas igrejas proveniente da Libertação que foi uma nova separação que ocorreu em 1944. Essa Libertação foi um novo movimento de secessão dentro das Gereformeerde Kerken in Nederland” (GKN - as igrejas reformadas que se uniram

em 1892).

As GKN foram tomadas por liberais que estavam usando os sínodos para obrigar os oficiais das igrejas a adotarem doutrinas estranhas quanto a relação entre a eleição divina, o Pacto e o batismo infantil. Os oficiais que não aceitaram essas doutrinas estranhas, foram suspensos ou depostos pelos sínodos, incidindo no erro de hierarquia conforme o Regimento de Dort (Art. 31).

As igrejas fiéis às Três Formas de Unidade e ao antigo Regimento de Dort não aceitaram a o abuso de autoridade das igrejas liberais. Essa não aceitação gerou o Ato de Libertação em 1944 que deu origem as Igrejas Reformadas Libertadas da Holanda (GKVs).

As igrejas desviadas passaram a ser reconhecidas como Igrejas Reformadas Sinodais.

⁷ Essas cidades são cidades grandes no Canadá onde não têm igrejas reformadas.

⁸ “assembleia maiores” é o termo usado para nomear os concílios e sínodos dentro da política eclesiástica reformada continental. O Regimento das Igrejas Reformadas do Brasil, diz (Artigo 24 - As Assembleias Eclesiásticas):

Além do conselho da igreja local que é uma assembleia permanente, serão realizados regularmente concílios que recebem a sua autoridade por delegação e são maiores só no sentido de abranger um número maior de igrejas. Estes concílios não têm caráter permanente.

⁹ Este é o termo latino singular que é usado para denominar o concílio regional das CANRC

R E V I S T A
D I A K O N I A

"SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR."



INSTITUTO
JOÃO CALVINO



*Toda semana publicamos novos artigos em revistadiakonia.org.
Visite o site, inscreva-se em nosso Informativo e receba notificações sobre
novas publicações.*